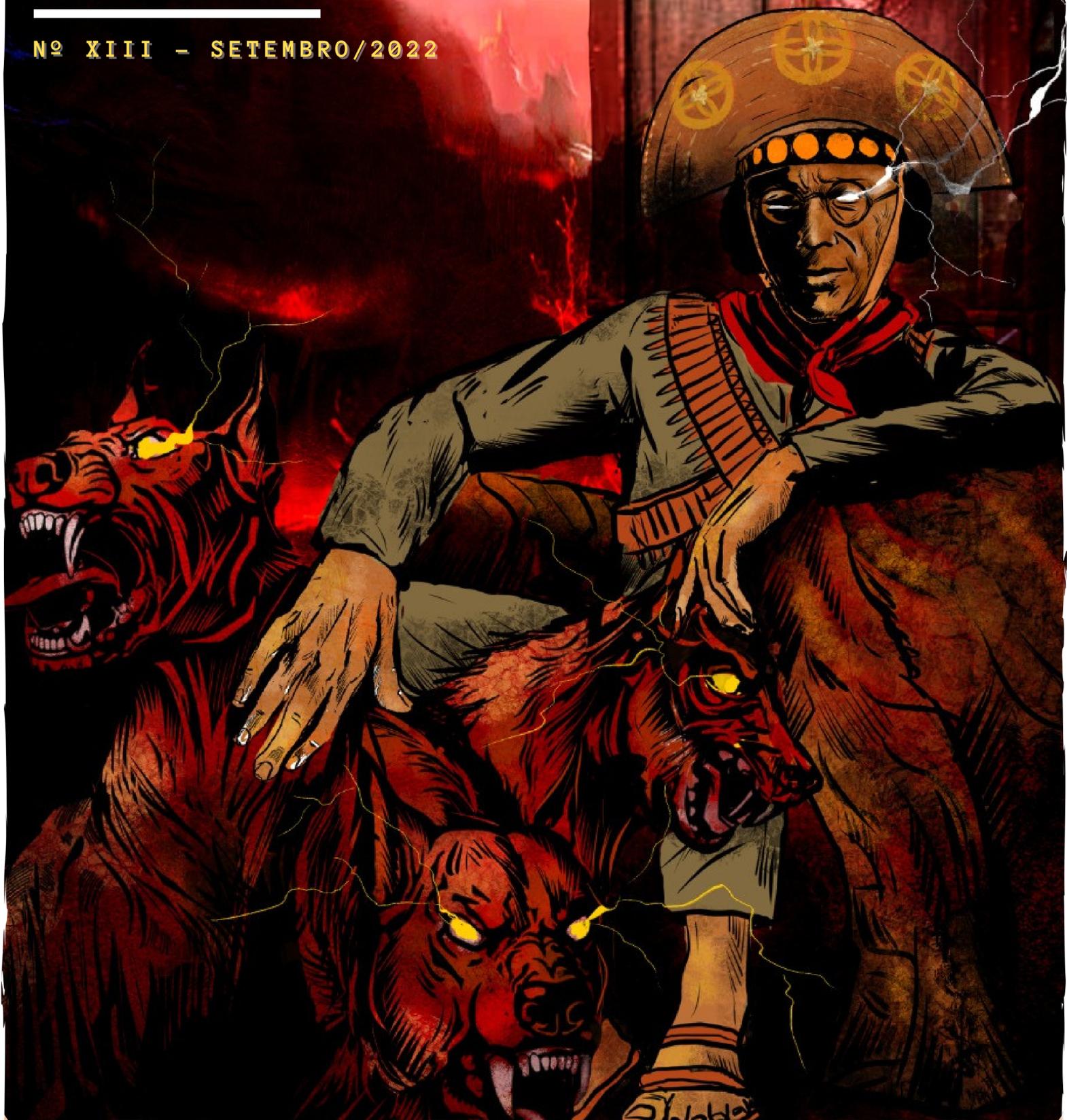


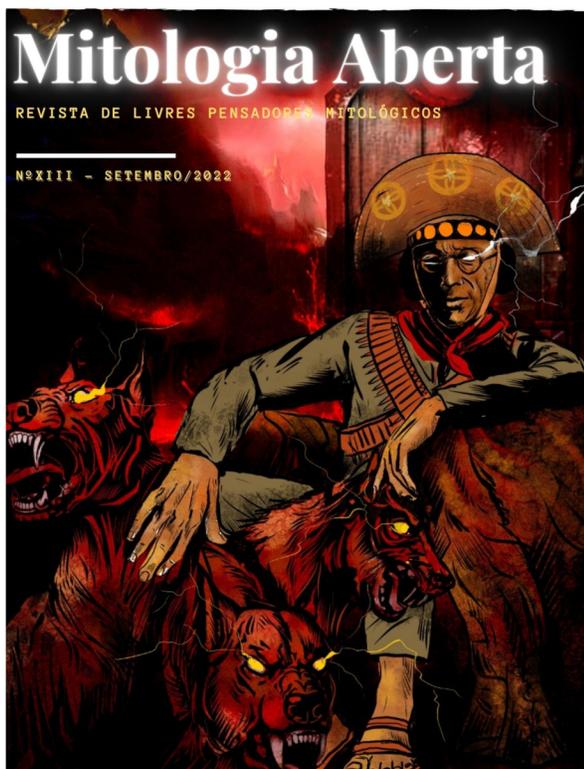
Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

№ XIII - SETEMBRO/2022



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
09	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
10	<u>ARTIGO 1</u> : ERAM OS DEUSES VIAJANTES?
17	<u>ARTIGO 02</u> : DIREITO À DESCONEXÃO
35	<u>ARTIGO 03</u> : EGITO - O PRESENTE DO NILO
40	<u>ARTIGO 04</u> : SHUN DE ANDRÔMEDA
52	BIBLIOTECA DE THOTH;
54	VITROLA DE ORFEU;
64	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
65	ARQUIVOS DE LOKI;
68	A NONA ÁRVORE;
85	ACADEMIA DE QUÍRON;
94	PANTEÃO DE COLABORADORES;
101	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Esta é a 13ª edição da Mitologia Aberta e, assim como o número 13, ela está enigmática, afinal, 13 eram as lunações das antigas matriarcas que serviam à deusa da lua e das estações!

Para começar, tivemos uma grata surpresa com a capa desta edição, com um Hades bem diferente. Hades é o deus do submundo da mitologia grega, mas na nossa capa foi representado com uma roupa um tanto nacional! Sempre que convidamos os artistas para a nossa revista, não sabemos o que está por vir na sua arte, mas aqui tivemos um conceito sobre os deuses viajantes, que a teoria da mitologia comparada consegue explicar tão bem!

Além disso, essa edição tem novidades bem interessantes, como sempre!

Acompanhem nossos artigos sempre recheados de conhecimento! Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa de mitologia comparada; A Vitrola de Orfeu traz uma banda mágica para conhecermos. Nos Arquivos de Loki, temos a continuação da resenha da edição passada; A Nona Árvore apresenta um novo galho incrível, falando sobre a mitologia inca! Nas Histórias da Vó Tiana, mais uma história impressionante será contada; e, na Academia de Quíron, mais eventos incríveis estão esperando por vocês!

Não deixem de acompanhar nosso canal do YouTube!

Embarquem em mais essa viagem incrível ao misterioso mundo dos mitos!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

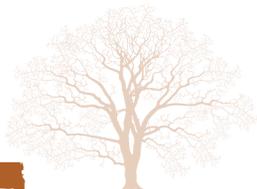
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



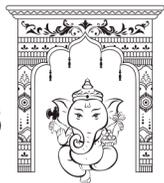
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

Quadrinista e editor, criador da Editora Urukum, Fábio Gimovsky é autor de diversos livros, romances gráficos e literatura infanto-juvenil.

Publicou os romances: "Imenso Mar", "O Vento e a Sacerdotisa", "Moriana", "Afetos Essenciais", "Pessoas Imperfeitas" e "Estrelas de Papel".

Na linha infanto-juvenil, publicou: "A pele da Terra", "Cara roxa e Cara preta", "Um conto de chuva", "Vagalume", "Penélope", "Estrelas do ar", "Estrelas do mar", "Um conto de floresta", "A coisa mais velha" e "Lunara".

Todas suas publicações têm sempre um toque místico, mágico e mitológico, com cada página carregada de um ar revestido de sagrado.

Como quadrinista, publicou os romances gráficos: Samaúma, Ancestrais da Terra, Nos caminhos de Juramidã e seu mais recente lançamento, ainda em campanha no Catarse!, Txai - Terra sem Raízes. Nessa linha, ele busca trazer os saberes ancestrais da floresta para o grande público através de suas obras de arte!



Fábio Gimovsky
Instagram: @fabiogimovsky



"Deuses Viajantes",
Arte que ilustra a capa desta edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES



Fábio também publicou três oráculos: "Coração Xamânico", "Amanhecer" e "Mandalas Sutras".

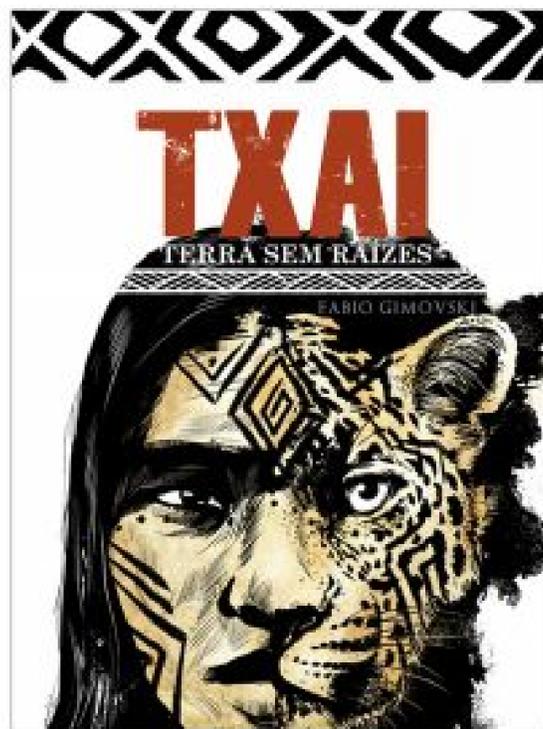
Para a capa desta edição, Fábio criou um desenho provocante sobre os deuses viajantes, com um Hades caracterizado como um cangaceiro.

Formado em Belas Artes e com pós-graduações nas áreas de cultura e gestão, atualmente desenvolve pesquisa de mestrado na área da educação ambiental.

Artista plástico, usa de sua experiência com suas viagens para compor o universo das histórias que conta sobre os nossos povos ancestrais.

Qualquer um de seus livros, oráculos ou histórias em quadrinhos pode ser adquiridos no site da Editora Urukum:

Contatos:
editoraurukum.com.br
@urukum editora



PROJETO NO CATARSE!:

TXAI - TERRA SEM RAÍZES

Link:

https://www.catarse.me/txai_terra_se_m_raizes_9d05?ref=ctrse_explore_pgsearch

Apoios até dia 07/10/2022.

ILUSTRES ILUSTRADORES



“

Italo Augusto Pereira Zanatta

Desde pequeno eu sempre me interessei e me encantei com os filmes, as cores, em pintar e esculpir com massa de modelar.

Quando assisti pela primeira vez os filme da Pixar, Disney e Scooby-Doo e fui apresentado para esse mundo, comecei a desenhar com a ideia de trazer a vida a esses personagens, e assim, consegui convencer a minha família de que eu devia participar de aulas de desenho / ilustração. À partir daí, eu nunca mais deixei esse mundo, continuando com esse sonho de trazer essas imagens e ideias para quadros e telas.

”

AS BELAS SINCRONICIDADES DO DESTINO FIZERAM COM QUE CARMELINA TOLEDO PIZA, QUE JÁ ILUSTROU UMA CONTRACAPA DA MITOLOGIA ABERTA E ARTIGOS, DESCOBRISSE OS DESENHOS DO ÍTALO E NOS INDICASSE SEU TALENTO!



Italo Zanatta
Instagram: @apowia_



"Estamos a Sós",
Arte que ilustra a contracapa desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A cada artigo que chega, temos a honra e o orgulho de sempre trazer diferentes visões sobre a mitologia, vindas de profissionais de diferentes áreas e que sempre contribuem para criar uma atmosfera histórica e sagrada nas páginas da Mitologia Aberta. Vamos então conhecer para onde viajaremos nesta edição?

O primeiro artigo desta edição traz ninguém menos que Hades, o deus do submundo da mitologia grega, e sua relação com o cangaço brasileiro. Sim, é isso mesmo! Vocês também conhecerão quem são os deuses viajantes, em um artigo com trechos do autor da ilustração de capa!

No segundo artigo, o nosso querido colaborador de longa data traz a necessidade e o direito que cada um tem de se conectar e desconectar deste mundo tecnológico e, para isso, faz um passeio incrível pelos mitos do mundo!

O terceiro artigo vai trazer uma das mitologias que queríamos há muito tempo na Mitologia Aberta: a mitologia egípcia! A autora começará falando justamente de um dos mitos mais famosos: Ísis e Osíris!

Para o quarto artigo, traremos nosso querido colaborador do mundo pop e profundo conhecedor dos mitos e da psicologia analítica, falando sobre Shun de Andrômeda, personagem dos Cavaleiros do Zodíaco, sua relação com a mitologia e com as lições que ele pode trazer para nossa vida.

Sempre recebemos artigos de muitas páginas, às vezes conseguimos dividir em duas edições, às vezes não, como foi o caso de um dos artigos. Por este motivo, esta edição não terá cinco artigos, e sim quatro.

Agora vamos seguir viagem para conhecer mais sobre a mitologia do mundo, que caminha conosco no nosso dia a dia, trazendo importantes aprendizados sobre o mundo, nós mesmos e sobre todas as nossas relações!

Boa leitura!
Larissa Dias

ERAM OS DEUSES VIAJANTES?

POR LARISSA DIAS
PARTICIPAÇÃO DE FÁBIO GIMOVSKY

Acredito que muitos leitores já ouviram falar do famoso best seller, escrito por Erich von Däniken, chamado “*Eram os Deuses Astronautas?*”. Esse livro foi lançado em 1968 e, desde então, atraiu um público voraz e também inúmeras críticas positivas e negativas, mas, a realidade é que ele vendeu milhares de cópias e até hoje ainda vende.

Outra verdade que temos que trazer aqui é que esse livro iniciou muitas pessoas curiosas sobre os conhecimentos arqueológicos e mitológicos, mesmo não sendo considerado uma referência do ponto de vista científico. Mas qual é a sua grande temática e o que ele tem a ver com a capa da nossa revista?

O livro de Däniken (2005), que já traz a temática em seu título, pergunta se os deuses não seriam, na verdade, viajantes interestelares que visitaram a terra em diversos mo-

mentos da história da humanidade e deixaram os seus vestígios que, posteriormente, foram considerados como sendo de civilizações perdidas. Mistérios como a datação das pirâmides do Egito, o Disco de Festos da civilização Minóica, as caveiras de cristal pré-colombianas, as estátuas da Ilha de Páscoa, as linhas de Nazca e muitos outros achados sem uma história definitiva deixam uma margem para os “teóricos dos antigos astronautas”, como eles mesmos se denominam, levantarem hipóteses de que algumas divindades eram na verdade extraterrestres, ou seja, vieram de fora do planeta Terra.

Não vamos aqui julgar se estão certos ou errados e nem levantar mais hipóteses sobre esses misteriosos achados, mas queremos aproveitar a temática para trazer um outro tipo de viagem, divina e intercultural, diante da provocação feita

pelo nosso artista de capa da revista.

Antes de explanarmos mais a respeito da temática, usaremos um trecho do próprio artista, falando um pouco sobre o que seria os “Deuses viajantes”:

Deuses viajantes (por Fábio Gimovski)

O profundo respeito pelas diversas manifestações culturais e os deuses e deusas a elas associados possui a incrível capacidade de abrir nossas mentes para as viagens que a mitologia realiza através dos tempos e das pessoas.

Histórias antigas só podem se manifestar por meio de nossas crenças? Talvez seja uma forma de pensar, mas e se considerarmos que a própria natureza segue seu curso independentemente de nossas ações? Permitir que tal pensamento ganhe cores e formas em nossas consciências tem o poder de ampliar visões que de outra forma permaneceriam estagnadas no tempo.

O movimento é necessário à vida e à evolução. Com o avançar do tempo, deuses e deusas viajaram em corações e mentes, foi assim no início dos tempos com as primeiras migrações e tem sido assim nos tempos atuais, na medida em que novas tradições nascem do intercâmbio de valores e crenças. O universo espiritual amplia seus hori-

zontes, ou melhor, nós reconhecemos novos horizontes nas peregrinações de uma essência única representada por inúmeros nomes e símbolos.

Podemos nos imaginar como os primeiros aventureiros nos tempos das grandes navegações que pensavam descobrir novas terras e novos povos, no entanto, tais terras e povos não estavam à espera de serem descobertos. Sua cultura já se encontrava atuante, não necessitando ser substituída por outra. Os deuses e deusas estavam prontos para suas viagens no interior daqueles com abertura e generosidade suficientes para reconhecer que há espaço para múltiplas conexões com as mitologias da humanidade.

Somos seres múltiplos, capazes de vivenciar a experiência dos arquétipos presentes em antigas histórias em sua totalidade, sem que seja necessário extinguir origens em nome de supostas crenças mais verdadeiras. O movimento do tempo nos impulsiona para frente, e nesse avanço transformações se fazem presentes. Há aqueles responsáveis por manter as raízes e há aqueles responsáveis por elevar os galhos e frutificar. Não há porque criar uma ordem de valores em tal condição. É do espírito da humanidade o desejo de realizar viagens, transformar-se, criar condições para novas mentes, es-

tabelecer pontes de contato com a arte, a ciência e a tecnologia e, ainda assim, manter raízes saudáveis e prontas a acolher aqueles que assim desejarem.

Somos todos viajantes do passado e do futuro. Quando nos debruçamos sobre nossa história, podemos ler nas camadas da terra as impressões deixadas pela existência de gerações de seres, por outro lado, quando nos lançamos aos universos cósmicos da imaginação, olhamos para nós mesmos. Somos feitos de histórias, legados de gerações passadas, que, ao serem olhadas de perto, revelam deuses e deusas viajantes que nos convidam a reconhecermos as raízes da humanidade.”

Depois dessa belíssima explanação do nosso artista, que também é escritor e quadrinista, vamos, de fato, falar um pouco mais sobre o nosso Hades brasileiro, o rei do cangaço.

Hades é a divindade do mundo inferior, segundo a mitologia grega. Depois que o poder dos titãs foi substituído pelo poder dos deuses através da batalha travada por Zeus, houve a divisão dos domínios dos três reinos, que foram divididos entre os irmãos Zeus, Hades e Poseidon. Zeus ficou responsável por presidir o reino do Olimpo, a morada dos deu-

ses e deusas. Poseidon tinha o domínio dos mares e controlava as navegações e todos os seres marítimos. Hades era o deus do submundo, ou seja, o deus do mundo dos mortos. (JUNITO, 2011)

Muitas vezes, pode surgir a pergunta se Hades não se revoltava por ter ficado com o submundo, mas penso que, se todos que morriam seguiam para o submundo, já imaginaram qual era o reino mais populoso? Sim, o mundo dos mortos! E se todos que lá estavam deviam obediência ao seu regente, Hades tinha poder sobre uma gigantesca quantidade de seres, talvez um número muito superior do que os súditos de Zeus ou Poseidon.

A morte é o destino certo, o caminho insondável e a certeza plena. Não sabemos quando, mas sabemos que todos nós vamos morrer. A morte é inevitável e imbatível e, por isso, é poderosa.

Os cangaceiros foram figuras que existiram entre os séculos XIX e XX em quase todo o sertão do Nordeste brasileiro. Eles eram, de fato, figuras quase míticas, suas vestimentas, seus trejeitos, suas com atitudes, que provocavam medo na população e nos senhores de terras, os chamados coronéis. Os cangaceiros também protestavam contra a situação de precariedade e injustiça social na qual vi-

via a população da região onde existiram. Algumas publicações, porém, dizem que, na verdade, eles eram a própria milícia dos coronéis (CHIAVENATO, 2021).

O fato é que eles andavam armados, eram muito violentos e estavam sempre em bando, onde existia um líder, sendo Lampião o mais famoso deles. Ocorre que os cangaceiros eram também viajantes, pois, embora transitassem pelo Nordeste, eram nômades, ou seja, não tinham moradia fixa. Eles também tinham em seus bandos animais, como cavalos e cães, e tinham algo nunca antes alcançado por alguém que não fosse um coronel: poder. Esse poder, conquistado com violência e mortes, lhes dava domínio sobre o espaço que estavam. Em alguns lugares, agiam como se fossem verdadeiros deuses.

Os cães que andavam com o bando serviam de guarda e também de companhia. Hades, o deus do submundo, também tinha um cão que guardava os portões do mundo dos mortos. Ele se chamava Cérbero, um furioso cão de três cabeças e que deu bastante trabalho para os heróis gregos.

Cada região do nosso planeta Terra terá em sua história grupos que se tornaram poderosos mediante a violência, sejam eles cangaceiros, vi-

kings, samurais, soldados romanos, piratas, soldados das cruzadas, entre outros. Em todos esses grupos havia histórias de roubos, estupros e mortes muito violentas e sangrentas. Todos eles também têm em comum o poder que o medo e a morte lhes traziam, assim como Hades tinha ao dominar o submundo.

Porém, assim como Hades raptou a sobrinha Coré e transformou-a em sua rainha Perséfone, dando-lhe poder e glória, o mais famoso cangaceiro tinha uma contraparte feminina por quem abria mão de parte de seu poder: Maria Bonita.

O fato de conseguirmos unir semelhanças entre culturas tão distintas nos faz pensar se a mitologia não seria, de fato, uma grande nave espacial por onde viajam todos os deuses do universo. O termo “mitologia comparada” existe porque essas semelhanças são inúmeras. Um modelo que aparece em uma cultura, seja do rei paternal, da grande mãe, do herói, da criança divina, da donzela a ser salva, também aparece em outra cultura completamente distinta.

Quando o mitólogo Joseph Campbell (2010) escreveu a coletânea “As Máscaras de Deus”, com 4 volumes, foi justamente neste foco que ele pegou: a mitologia comparada. Abor-

dando desde as sociedades mais primitivas, ele traça um panorama gigantesco de mitos que, comparados entre si, mostram a surpreendente trajetória das viagens divinas e humanas pelo reino mítico do sagrado.

Erich von Däniken também fez comparações e fazia menção a uma viagem interestelar, mas a mitologia comparada faz menção a uma viagem intercultural, que transcende o espaço / tempo. Na própria mitologia existe uma classificação de divindades chamadas “psicopompos”. Essas divindades conseguem viajar entre mundos e isso faz delas as únicas capazes de realizar uma comunicação entre esses reinos tão distintos.

Sejam divindades ou humanos, normalmente quem vai para o mundo dos mortos não consegue retornar jamais e, se pensarmos bem, uma das maiores curiosidades que temos é o que acontece depois da morte. Quem possui esse conhecimento tem poder e se torna, de fato, perigoso.

Deuses como Hermes/Mercúrio, Anúbis, Loki, Exu, entre outros, conseguiam realizar a tarefa de transitar entre os mundos, sendo, portanto, deuses viajantes. Esses deuses tinham indumentárias ou mesmo condições especiais: Hermes tinha uma sandália com asas e um ca-

duceu com as serpentes que hoje são símbolo da medicina; Anúbis era o senhor do embalsamamento, um chacal que também buscava na Terra quem morria; Loki não era filho de Odin, mas de um dos gigantes de gelo, tendo sido adotado pelo pai de todos e, por isso, transitava entre esses reinos; Exu fora denominado pelo deus supremo para receber os viajantes que queriam lhes trazer oferendas. Assim, essas divindades podiam carregar consigo todo o conhecimento e também transportá-lo entre mundos diferentes.

Mas não eram apenas os deuses masculinos que conseguiam transitar entre os mundos. A conhecida Perséfone, esposa de Hades, passava as estações da primavera, verão e outono com sua mãe, a deusa Deméter, em nosso mundo e o inverno no seu reinado, com Hades. Além dela, Inanna fez sua viagem para o mundo dos mortos para salvar seu amado e, para isso, precisou lidar com sua feroz irmã sombria Erskigal, e, assim como Perséfone, ela também voltou.

Assim como os deuses psicopompos, as imagens que cultivamos ao longo das eras também carregam conteúdos simbólicos das gerações passadas para as gerações futuras, assim como as divindades mais antigas trazem

conteúdos que são assumidos por novas divindades. Como verdadeiros deuses mensageiros, viajamos carregando a cultura de uma região ou de um tempo diferente para o tempo presente.

O preconceito e a intolerância cultural e religiosa fazem com que se levantem barreiras imensas ou se quebrem preciosas pontes, que, muitas vezes, impedem que os deuses viajantes possam passar. São barreiras muito cruéis, que destroem a história sagrada de um povo, que é conteúdo para toda e qualquer mitologia que estudamos.

Joseph Campbell dizia que “A mitologia é a religião dos outros”. Contando com a assertividade desta afirmação, para alguém, em alguma parte do planeta ou em outro tempo, a mitologia é, de fato, uma religião viva, o sagrado vivo e, por isso mesmo, é tão importante comprarmos a nossa passagem para a nave do conhecimento mítico, reconstruirmos as pontes e eliminarmos qualquer muro ou barreira que nos impeça de realizar as viagens tão necessárias entre as culturas, onde aprendemos muito com a diversidade.

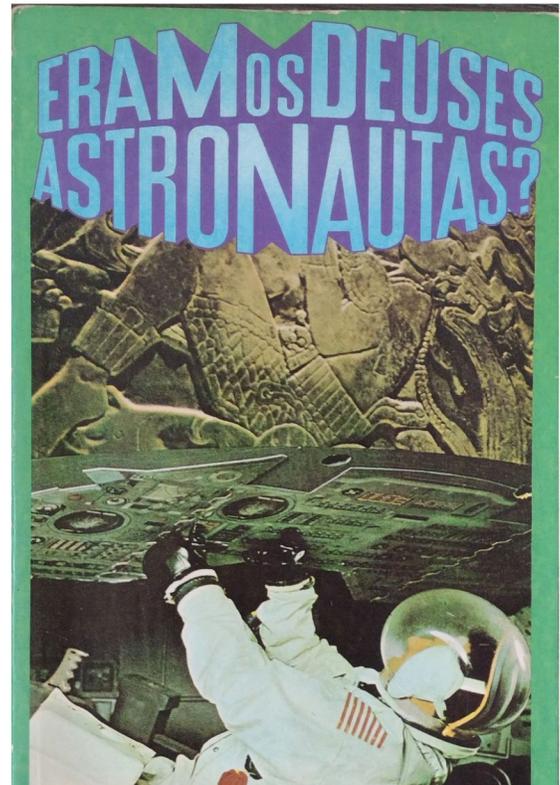
Agora, convidamos vocês, nossos amados leitores, a pensarem sobre a pergunta título deste artigo: “Eram os deuses viajantes?”

Inúmeras guerras divinas existiram e com elas tentou-se provar muitas coisas, incluindo a soberania religiosa. As mitologias grega, nórdica, hindu e egípcia têm exemplos muito claros destas guerras. Mas devemos recordar que era uma guerra entre divindades. Em um momento em que guerras humanas acontecem bem debaixo dos nossos narizes, respeitarmos o espaço do outro, sua cultura, sua mitologia e seus deuses é fundamental para mantermos a paz e, para isso, precisamos ser viajantes no fio condutor que nos conecta uns aos outros.

Vou encerrar com uma frase de um mitólogo que gosto muito, Devdutt Pattanaik (2009), falando sobre os deuses hindus e de como os humanos mais diferentes ente si ainda são similares: “*Varuna tem mil olhos, Indra tem cem, eu e você, apenas dois.*”

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. Mitologia Grega Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CAMPBELL. J. As Máscaras de Deus Vol. I, II, III e IV. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- CHIAVENATO. J. Cangaço: a milícia do coronelismo. São Paulo: Noir, 2021.
- DANIKEN, E. V. Eram os Deuses Astronautas? São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- TED INDIA (2009) Oriente vs. Ocidente – os mitos que mistificam. Palestra de Devdutt Pattanaik, disponível em <https://www.ted.com/talks/devdutt_pattanaik_east_vs_west_the_myths_that_mystify?language=pt> Acesso em 18/07/2022.



Livro "Eram os Deuses Astronautas"

DIREITO À DESCONEXÃO NA IDADE MÉDIA DIGITAL

POR MARCOS FERREIRA-SANTOS



Arte - Perseu com a cabeça da Medusa

**De lágrimas por longos tempos, ficar para você eu poderia; para ajudar a dar-lhe, breve o tempo é [diz andrômeda]. A ela eu, se lhe pedisse, perseu, nascido de júpiter e daquela que, trancafiada, encheu júpiter de ouro fecundo, da górgona de cabelos de serpente, perseu, o vencedor, e ele cujas asas batidas se atrevem a atravessar as auras etéreas, certamente seria preferido a todos como genro; adicionar a tão grandes dons também merecem, favoreçam-me apenas os deuses, eu tento: que o meu seja salvo por minha virtude (...)
eles aceitam sua lei – quem duvidaria – e imploram e prometem ainda um reino como dote dos pais.”*

(metamorfoses, ovídio, 8 d.c.)

Perseu, perseu (o destruidor de cidades) é o herói solar da mitologia grega, filho de zeus e da princesa danae, filha de acrísiu, rei de argos. Querendo um filho varão, o oráculo havia predito que sua filha teria um filho que o mataria e então encerra a filha danae numa câmara de bronze. Mas, finda por ser fecundada por zeus, apaixonado por sua beleza, através de uma chuva dourada que penetra na câmara. Então, nascido perseu, ele salva andrômeda e a mãe dela, cassiopéia, em etiópia e exige,

como dote, de seus próprios pais, zeus e danae, os reinos a que ele teria direito: etiópia, argos, tirinto, sérifo e micenas.

E sem saber a identidade de um velho vitimado acidentalmente pelo seu disco lançado em uma disputa das agônes, mata acrísiu, na verdade, seu avô e se cumpre a predição do oráculo.

Seu grande subterfúgio foi utilizar a cabeça que ele degolou da górgona medusa (aquela que reflete a justa medida e comanda), divindade primordial pré-olímpica, usando seu olhar petrificante como arma contra todos os que via como inimigos. O herói solar mostra assim sua face terrífica e petrifica quem veja os olhos luminosos da medusa decapitada em suas mãos.

Jovens e adultos emergentes petrificados atualmente passam entre 12 e 20 horas conectados através de seus smartphones: dádiva de stephen jobs [1955-2011] com o iphone da apple, tão somente disponibilizado em 2010, um ano antes de sua morte, e disseminado tão massivamente desde então; assim como através de seus tablets e computadores. A solidão, contraditoriamente, se intensifica na ilusão da conexão: uma refeição em casa ou num restaurante, sejam ami-

gos, familiares ou amantes, seus comportamentos já foram alterados de forma que todos, simultaneamente, acionam seus smartphones para verificar as “notificações”: por vezes, repetidas 100 vezes ao dia. Compulsão endêmica.

Junte-se a esse fato mais que preocupante a invasão cada vez mais proeminente de aparelhos “inteligentes” integrados on-line (comando de voz alexa, aspirador de pó roomba, óculos digitais, etc) com cômodos comandados por presença, voz e realidades “aumentadas”. A extração e mineração de dados através de rastreadores e cookies implantados sorrateiramente através de sites, blogs, notícias, vídeos, correspondência por e-mail e/ou facebook, se entrecruzam com os mapeadores físicos: street view, google maps, google earth, gps, localizadores pessoais, câmeras de trânsito e de segurança. Parece não haver refúgio possível onde se possa viver além da desconexão.

Uma visão um pouco mais crítica já tem proporcionado literatura acadêmica oriunda de pesquisas refinadas que revelam o quanto somos rastreados, monitorados, controlados, através de inteligência de máquina, que desenvolvem as grandes corporações privadas do “vale do silício” a exem-

plo de google, amazon, facebook e microsoft, a partir destes dispositivos inteligentes. Esses quatro novos cavaleiros do apocalipse, em 2020, já detinham capital de us\$ 6,4 trilhões (equivalente ao pib somado de austrália, Canadá, França e Reino Unido). Some-se a isso as grandes empresas de hardware que avançam na mesma direção: a coreana samsung, as norte-americanas ibm, intel, cisco system (internet das coisas), entre outras.

A lógica deste novo “capitalismo de vigilância”, esmiuçado na pesquisa potente de shoshana zuboff (2020), se estabelece sob o disfarce da comodidade, conexão em tempo real, informação disponível, inicialmente como simples “motor de busca” do google, e agora antes mesmo de você saber que tinha uma dúvida, o motor lhe busca; acesso a serviços integrados de comércio, cidades e universidades, assistentes virtuais, casas inteligentes, carros e dispositivos vestíveis, sensores minúsculos, e as redes sociais para a solidão coletiva.

Como bem lembra shoshana zuboff, para quem viveu a revolução industrial, os carros eram carroças sem cavalos. Sempre temos a necessidade de avaliar o “novo” com base em nosso repertório de experiências. Mas, o

que vem acontecendo é algo “sem precedentes”. Mesmo a indústria automobilística adotando o cavalo como unidade de medida da potência dos motores na expressão “horse power” ou sua sigla “hp”; força dos cavalos que já não aparecem puxando as novas carroças e foram devidamente dispensados. Quem alimenta hoje o capitalismo de vigilância será rapidamente transformado em autômato e logo dispensado pelos próprios algoritmos. Seu perfil de hoje será o reconhecimento facial de amanhã.

Parafraseando o velho karl marx [1818-1883], as redes sociais passam a ser o verdadeiro ópio do povo. Religião travestida de “dataísmo”, como aponta o historiador israelense yuval noah harari. A idade média, pré-capitalista, em nova versão agora digital, ressurge a partir do totalitarismo, depois de caminhar de braços dados ao behaviorismo (ciência do controle do comportamento) de skinner e à, então emergente, teoria sistêmica computacional a partir de alan turing [1912-1954], matemático inglês expert em quebrar as comunicações codificadas dos alemães nazistas, para instituir-se no completo controle econômico, político, social e das almas; como o foi por mil anos, em sua época, a igreja católica

do sec. IV ao sec. XV.

É a nova religião dataísta que viabiliza e consolida os atuais feudos das corporações digitais. Seus sacerdotes herdeiros diretos de skinner são os engenheiros, programadores e cientistas de dados cooptados pelo capitalismo medievalesco de vigilância. Os novos servos produzem e alimentam o “superávit comportamental” (zuboff).

Da velha teocracia medieval atualizada para uma ratiocracia iluminista e burguesa até os parques exercícios de uma daimoncracia que se identifica no modelo carcomido das democracias representativas, sujeitas ao mercado ou aos militares, estão todos ainda muito distantes de uma democracia participativa e efetiva. A egocracia emerge na era digital como principal fundamento da redução do outro (pessoas) a coisas, numa coisificação petrificante traduzida pelos “likes”, “curtidas”, rankings, consumidores manipulados pelo consumo predito e conformador. As antigas “agendas” sociais dos setores organizados da sociedade civil que pressionavam a classe política para transformações ou reformas necessárias, hoje foram solapadas pelas “agendas” postas nos últimos quinze minutos no feed de notícias e com duração tão efêmera quanto os pacotes publicitários que elas veicu-

lam. Que memória social ou engajamento existencial haverão nas questões de sobrevivência, direitos sociais, resistência a autoritarismos, coletivos de ódio e intolerância?

A responsabilização pelos fracassos continua sendo individual, e assim se legitimam as desigualdades sociais de classe, credo, gênero e etnia; com a crescente criminalização dos movimentos sociais que ainda teimam em resistir à avalanche dos “integrados” e “conectados”, tal como foram “silenciadas” as revoltas populares em todo o medievo.

As principais características da idade média começam com o linchamento público de pagãos e pagãs (como foi o assassinato da filósofa e matemática hipátia de alexandria) por turbas de cristãos ensandecidos legitimando a misoginia ocidental, hoje atualizado nos linchamentos “virtuais” e ataques de ódio digital. A decorrente “caça às bruxas” do medievo teve como substrato e legitimação a “santa inquisição”, hoje atualizada no negacionismo, no terraplanismo, no bolsonarismo (no caso do brasil) e governos reacionários, no revisionismo histórico, no acirramento da intolerância sem nenhum escrúpulo.

As “cruzadas” para invadir, pilhar, saquear, destruir e dominar a chama-

da “terra santa” (o universo árabe) como forma de financiamento dos feudos decadentes, hoje atualizada na extração, mineração, renderização e monetização do comportamento humano.

A alta concentração urbana em péssimas condições sanitárias com o surgimento burguês das cidades (burgos), gerando epidemias das mais variadas pragas, agora se atualiza na pandemia da covid-19 – e pelas mesmas razões. Os dispositivos de “arena e circo”, disputa e entretenimento, para docilizar a população, agora convertidos em reality show com interferência interativa.

A advertência de george orwell [1903-1950], em sua obra “1984” [publicada em 1949], de uma distopia onde seria eficaz a “polícia do pensamento” para evitar o questionamento do sistema, se atualizou no “pensamento de polícia”: pensamento e ações de constante vigilância do sistema para evitar o questionamento e suprimir a vontade autônoma. Palavras, termos e noções que foram tão caras à filosofia existencialista e à antropologia da pessoa, hoje foram corrompidas com outros sentidos e em sentido absolutamente contrário.

Existência – deixou de ser o campo de tensões para afirmação da pessoa; para se converter na necessidade de

ter “marcada” (indexada) suas fotografias na internet. Se você não tem rede social, você não existe; mas todo o material postado, assim como os esquemas explícitos de vigilância nas câmeras disseminadas, alimentam os sistemas de reconhecimento facial.

Compartilhamento – deixou de ser o ato básico de uma comunidade regido por reciprocidades entre pessoas; para ser o ato de difundir uma imagem, meme, vídeo ou texto para os indivíduos em sua galeria de contatos.

Comunidade – deixou de ser a base da autoformação das pessoas com ações e valores em comum, assim como eram as pessoas a base recíproca da comunidade; para se tornar tão somente um agregado de contatos numa rede, disseminando dados.

Personalização – deixou de ser a característica básica da autoformação da pessoa, em seu constante embate entre as resistências do mundo físico e a vontade de afirmação existencial; para se tornar apenas sinônimo de “customização” de preferências digitais para agradar o narcísico.

Engajamento – deixou de ser a capacidade da pessoa em participar de ações de resistência, protesto, empoderamento, discussão e diálogo

num acontecimento político-social; para se tornar o ranking de mudança de comportamento, índice de cliques, “likes” e “shares”, índices de utilização de filtros, recortes e manipulação de fotografias para detectar aspectos de personalidade e comportamento.

E assim são direcionadas as publicidades, diretas ou indiretas, ao seu feed de notícias. Assim como os discursos imagéticos de ódio, intolerância, desinformação, fake news e seus correlatos. Não por um interesse propriamente ideológico, como nossas gerações anteriores suspeitariam de imediato, mas hoje apenas pelo interesse comercial e puramente capitalista de ampliação do superávit comportamental no mercado crescente e altamente rentável de comportamentos futuros.

Nikolay berdyayev [1874-1948], filósofo ucraniano e uma das pilastras da antropologia da pessoa, já nos advertia nos anos 1920 que a crença de que o futuro será necessariamente melhor é, única e tão somente, uma crença. Na história humana nada confirma esta crença, muito embora ela seja o esteio do progressismo e do “inevitável” e veloz avanço tecnológico. E que o ser humano não é necessariamente “bom” (ao modo rousseauiano) e nem “mau” (ao mo-

do hobbesiano), mas “doente”; e é através do processo de construção da pessoa em sua equilibração - processo de personalização muito próxima do processo de individuação do suíço carl g. jung [1875-1961] - é que tenta atingir alguma sanidade num mundo absolutamente trágico.

“A cultura antiga entrou em decadência e, aparentemente, morreu, mas continua vivendo em nós, constitui um estrato profundo de nosso ser. Na época da civilização, a cultura se retira às profundidades (...) Na civilização começam a se manifestar processos de barbárie.” nikolay berdyaev, “o sentido da história” (1922)

Na mesma direção, nos lembra georges gusdorf [1912-2000], em “mythe et metaphysique” [1953], o ruído na selva tecnológica e a desorientação ontológica sob a barbárie da técnica, mas a esperança é um outro nome da cultura. Toda técnica oculta uma metafísica e assim se transforma em “mágica”, ilusionista e manipuladora dos incautos, acrílicos, ignorantes de si mesmo e do mundo, e parte expressiva da grande massa, lembraria outro importante filósofo existencial espanhol josé gasset y ortega [1883-1955], pois que eu sou “eu e minhas circunstân-

cias” (“meditaciones del quijote”, 1914). E para onde se dirigem nossas circunstâncias hoje? A massa manada de “organismos entre organismos” conduzida por algoritmos que se utilizam da pressão e coerção social, acobertando pela “customização”, a participação protegida pelo anonimato em seitas, gangues, milícias, turbas, que, rapidamente, deixam o ambiente virtual para ganhar as ruas e o mundo real.

Parafraseando alceu valença: “don quixote, liberto de cervantes, descobri que os moinhos são reais” (agalopado, in: “espelho cristalino”, 1977). Este domínio da ilusória circe distraíndo o presunçoso e arrogante ulysses, esconde o constante rastreamento, extração de dados (pessoais, de localização física, conversas, transações comerciais, mineração de perfis, etc) com a finalidade de renderizar e monetizar comportamentos humanos na retroalimentação do superávit comportamental futuro, seja cognitivo, racional ou afetivo. Esta é a galinha dos ovos de ouro da publicidade, marketing e dos novos avatares skinnerianos da previsão, controle e mudança do comportamento. Conhecido no âmbito da literatura educacional como o perverso introdutor da “máquina de ensinar” e “instrução programada” nos anos 60

e seu “tecnicismo” agenciado, junto com os golpes militares na América Latina, com a intervenção da Usaid (no Brasil através dos acordos Mec-Usaid, 1964 a 1971); B.F. Skinner [1904-1990] é o patriarca da nova engenharia comportamental, hoje em terreno digital global, com sua herança de orientandos alçados à condição de “CEO” (Chief Executive Officer) nestas corporações. “Walden II” (1948), “O Controle do Comportamento Humano” (1955) e o terrífico ensaio “Para Além da Liberdade e da Dignidade” (1971) já não são mais utopias de Skinner, mas base da nova “física social” em inteligência de máquina e seres (orgânicos ou não) como organismos de sua “colmeia”, mantida pelo superavit comportamental.

E o pior é que isso ocorre independentemente do possível conteúdo rastreado (libertário, conservador, totalitário, liberal, marxista ou crítico), todos eles reduzidos à mesma equivalência, uma equivalência radical operada como uma disciplina gerencial, como apenas suporte dos comportamentos, pois o que importa é o comportamento do pseudo “usuário” para o processamento dos algoritmos. Para ser mais preciso, não somos “usuários” e nem mesmo os “produ-

tos”, mas somos a nova matéria-prima desta nova forma ampliada de capitalismo.

A ditadura psicológica (muito pior que aquela que vestia fardas e era identificada por sua ideologia nazifascista e totalitária em várias partes do planeta) hoje dita o comportamento humano branco-ocidental e patriarcal para populações inteiras, independentemente da língua e do modo de sentipensar. Territórios virgens para o extrativismo selvagem mascarado de design performático por influencers, youtubers, instagramers, tiktokers, rankings infindáveis de “curtidas” e, melhor ainda, se gerar “comentários” em seus feeds de notícias: são os emoticons, as hashtags, palavras-chaves, pontos de exclamação, de interrogação, palavras e índices de “radicalismo”, que são todos indexados, renderizados e comercializados no mercado futuro de comportamento, disputado inescrupulosamente pelas grandes corporações transnacionais, varejo, atacado, companhia de seguros, eletroeletrônicos, partidos políticos e Estados, ainda mais dependentes deste novo capitalismo de vigilância. Não importa o matiz ideológico, desde que gere monetização.

A “explosão vídeo” de que trata Gilbert Durand [1921-2012] em seu “o

imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem” [1994], é, ao mesmo tempo, a explosão “veja-me!” (origem etimológica de “vídeo”), sobretudo em seus desdobramentos a partir do cinema e, em especial, na televisão e na nova era midiática digital, a constituírem uma nova ordem imaginária a partir de velhos mitos, mas com um forte ranço narcisista. A marginalia do imaginário humano (antes da nova era “mídia” [media ou média]) ainda se refugia: “primeiro pela sede poética. Apesar da mídia, apesar da televisão, e às vezes através dela, voltamos ao maravilhoso, ao lendário, à magia das histórias etc. E a antropologia, por sua vez, é cada vez mais participativa, cada vez menos colonialista, cada vez mais aberta à mentalidade do outro.” (durand, gilbert. *le retour des dieux. entretien avec patrice van eersel, nouvelles clés*, 2006).

No chamado “trajeto antropológico”, entendido como o processo de construção entre estas duas forças: da natureza psicofisiológica da pessoa e as forças do seu meio cósmico e social, há sempre uma correlação de forças e momentos frágeis de estabilização. Tanto no âmbito ontogênico como no âmbito filogênico, durand se pergunta: “em que ponto todo um imaginário modelado e reforçado por

uma sociedade muda o modelo original? É difícil estabelecer. Teríamos que fazer pesquisas em grande escala” (durand, idem).

O padrão progressista, milenarista, de “inevitável” avanço e “melhora”, inicialmente religioso, postulado pelo monge joachim de flore (sec. XIII), vai influenciar todos os progressistas, passando pelo positivista august comte [1798-1857] - fundador das ciências humanas na modernidade - ou o velho karl marx, até os sacerdotes dataístas de hoje, em suas plataformas monoteístas, onde a noção de “instrumento” – aquilo que eu utilizo como extensão corpórea; passou a ser o centro da nova organização social: eu sou a matéria-prima de que o instrumento (big data) necessita. Se no capitalismo industrial sacrificamos a natureza, hoje o capitalismo de vigilância ameaça exterminar agora a própria natureza humana.

Se concordarmos com gilbert durand, que o trajeto antropológico é que está na base da construção e dinamismo do imaginário, e que este é o que organiza o real assim como o percebemos, já não temos faces do tempo simbolizando o tempo que se esvai e a morte em sua finitude em nossa primal angústia existencial, em suas formas teriomorfas (monstros),

nictomorfos (noite escura) ou cata-mórficas (a queda) a nos sugerir constelações de imagens e mitos como respostas numa tríade detectável.



Estas são as estruturas antropológicas, profundas e arquetípicas (ancestrais): uma estrutura heroica solar (resposta guerreira de combate à finitude) baseada nos esquemas corporais reto-posturais e ascensionais; uma estrutura misticolar (resposta de adesão e fusão à finitude) baseada nos esquemas corporais digestivos; e uma estrutura dramático-crepuscular (resposta de ordenamento narrativo, cíclico e alternado à finitude) baseada nos esquemas corporais cíclicos e rítmicos, desde a informação musical ainda no ventre materno até o esquema repetitivo da cópula nos mamíferos adultos.

Este universo imaginário vai sendo rapidamente dilapado, dilacerado, fagocitado e restrito, na medida em que sua base postural agora se restringe às pontas dos dedos, visão e ouvidos presos a uma tela, ausência física de pessoas e dos processos iniciáticos à natureza humana. A anterior riqueza semântica, imagética, criativa que, pari passu com a consciência corporal, se ampliava, ao menos, em uma tríade de possibilidades existenciais, pessoais e coletivas, geográficas e históricas; agora cede à lógica binária (desligado / ligado, 0/1, vazio/cheio, maniqueísmo de bem/mal, etc.) computacional que assim pode comutar em seu processamento infindo qualquer tipo de dado e convertê-lo em qualquer tipo de texto, hoje inclusive holográfico.

Propagação rápida de um imaginário maquinal que passa a organizar o real em detrimento do humano e de suas carcaças de carne, ossos e sangue. O universo asséptico dos programas, controles, retroalimentação e alta produtividade vence a angústia existencial (o tempo e a morte, a finitude) em algoritmos autorrecriadores. Aqui a presença e interferência humanas atrapalham com seus erros, paixões, vontades, provenientes de sua doença congênita (humanidade).

A “gameificação” da vida, sub-repti-

ciamente, ganhou primazia na vida dos conectados que, pelos processos de habituação e redirecionamento dos sistemas, vão banalizando e aceitando as novas regras do jogo em plena drogadição. Você já não é mais você: você passa a ser o “avatar” que você mesmo construiu para participar do game. E hoje os games são a reunião de trabalho, os processos produtivos, a reunião familiar, os encontros pessoais, a pseudoformação dos cursos e escolas, a antiga celebração de festas e comemorações.

E com o advento da covid-19, o conveniente “experimento” mundial com o ensino remoto “emergencial”, integrando nesta vigilância também as crianças a partir dos 3 anos de idade, todas vítimas da vitória de skinner no “tecnicismo digital” atualizando sua velha “máquina de ensinar”. Todos devidamente permeados pelas publicidades redirecionadas a cada um, conforme a sua customização ou a customização dada pelos pais - se assim ainda podemos chamar estas pessoas que disponibilizam suas crias para o superávit comportamental do capitalismo.

E a universidade, antigo locus de crítica e resistência, cede e se alia às corporações, subsumida na “transferência de tecnologia”, índices de pro-

dutividade, impacto em citações, eficácia e eficiência em start-ups, projetos de pesquisa aliados aos interesses do mercado, publicações em revistas internacionais devidamente indexadas. Não importa o conteúdo, mas os índices: as “curtidas” na rede social acadêmica, asediada pelas corporações. Muitos anos atrás seria uma vergonha internacional, universidades, como a usp (maior da américa latina e entre as cem mais importantes universidades do mundo) terem “cooperação” formal com a corporação google, gerenciando toda a comunicação interna da própria universidade, não apenas através do serviço de e-mails, mas transmitindo e rastreando através do google meet todas as reuniões de todos os seus conselhos internos, e defesas de teses e dissertações. E assim, igualmente, muitos pseudointelectuais da dita “universidade” agora são show-men em plena performance pirotécnica em eventos talk-show travestidos de “reflexão filosófica”, e que vão se aproximando cada vez mais do mercado em seu formato rentável: literatura e eventos (presenciais ou “lives”) de autoajuda, coachs, influencers, etc.

Para tanto, duras conquistas da humanidade, em ambos hemisférios do planeta, são imediatamente aboli-

das, transformando-se em frágua lembrança de horizonte passado num “meme” retrô em sépia: direitos sociais, direitos individuais, direitos trabalhistas, individualidade, privacidade, liberdade, autonomia e autoterminação das pessoas e dos povos.

O pacto faustiano se dá no flerte narcisista das redes sociais dos egócratas pérsicos. Não se trata de mimesis (imitação), mas de constante comparação com ídolos, celebridades ou mesmo os vulgos “amigos” da rede. A relação vampiresca se estabelece no tempo dedicado aos dispositivos conectados sem desviar o olhar para nada, assim como em qualquer drogadição, as doses certas de dopamina criam a ansiedade pelos comentários e reações ao seu “post”. Um frankenstein se produz materialmente em nanobiotecnologia, tanto em robótica como em armazenamento de dados utilizando a estrutura aprendida do dna; assim como em prisão psíquica, como identificaria gareth morgan em seu “imagens da organização” [1998]. Agenciados os monstros do século para sua tarefa, finalmente, perseu, o herói solar revela sua face terrífica nas pradarias do neoliberalismo, guiando as verdadeiras manadas em território selvagem de zumbis e mortos-vivos. “Thriller” (1982), clip

musical de michael joseph jackson [1958-2009] sobre canção de rod temperton e participação do clássico ator de filmes de terror vicent price [1911-1993] na narração em forma de rap e sua risada final, anteciparia a avalanche de produções contemporâneas sobre invasões de zumbis e mortos-vivos, intuição no imaginário social do resultado da “física social” como colmeia do novo capitalismo de vigilância. A não ser que você troque o seu número:



"esse é o final da sua vida!

Eles estão lá fora para te pegar há demônios chegando por todo lado eles vão te possuir

a não ser que você troque o número da sua ligação

(...) Eu vou te salvar do terror na tela vou fazer você ver que isso é terror noite de terror

(...) A escuridão cai sobre a terra a meia noite está próxima

*criaturas rastejam em busca de sangue
para aterrorizar a vizinhança
e todos que forem achados sem a alma
no corpo
deve ficar e enfrentar os cães do
inferno
e apodrecer dentro de uma casca de
cadáver
(...) Noite de terror, querida o cheiro
mais sujo está no ar
o odor de quarenta mil anos
e sarcófagos velhos de cada túmulo
estão se fechando para selar seu des-
tino
e apesar de você lutar para perma-
necer vivo seu corpo começa a tremer
nenhum mero mortal pode resistir o
mal do terror"*

Perseu idolatrado que decapitou a medusa. Górgona das profundezas, *alma mater* de todas as deusas do mediterrâneo, em seu valor matril, natural, tectônico, herdeira por sua vez das divindades femininas do centro-leste asiático. A espada patriarcal de perseu ceifa sem a menor piedade a potência feminina para utilizar sua cabeça e seu olhar petrificante para derrotar o monstro ceto oceânico (as baleias, mãe da própria medusa), sob as escusas de defender andrômeda. E ele, prontamente, exige a sua parte no extenso latifúndio dos deuses como dote de seus pais,

zeus, o cronida, e danae. Uma versão de virgílio [70-19 a.c.], em *eneida*, menciona que perseu e sua mãe danae, encerrados numa arca de madeira e lançados ao mar por acrisio ao descobrir o nascimento do neto, não teria chegada a sérifo, mas na costa do lácio. E desta forma, o universo itálico, latino, seria também parte de seus reinos requeridos como dote por suas façanhas.

Perseu explora, espolia, manipula seus recursos roubados de outrem: espada e sandálias voadoras de hermes, escudo de palas athena, elmo ou manto de hades, o pégasos, cavalo-alado filho de medusa e poseidon, e, por fim, para consolidar sua primazia, degola a medusa para usar sua cabeça serpentina e seus olhos petrificantes que passa a ser sua arma principal, encerrada num alforje roubado de hades.

A própria medusa nunca saiu de seu reino telúrico e ctônico nos íferos para "espalhar terror", embora seja górgona (a apavorante). Ela, nascida de duas criaturas marinhas, fórcis e ceto, belíssima, teria atraído a paixão de poseidon (netuno, senhor dos mares), mesmo possuindo cabeça enrolada de serpentes, presas pontiagudas de javali, mãos de bronze e asas de ouro. Apenas defendia seu próprio território. Mas o herói solar

fecha os ouvidos à sua própria ânsima, sua alma, e lhe interessa tão somente atender ao ânimus da conquista de territórios e poder. A qualquer custo. O herói big data sempre fagocita as resistências. Já não há escolha autônoma, pois as escolhas se reduziram às alternativas dadas pelo sistema digital.

O sapiens demens vai cedendo lugar ao homo digitalis integrado aos nanochips. E estes sistemas autorrecriadores vão abolir a natureza humana, e ato contínuo, erradicar o humano. Basta olhar em seu entorno e perceber como todos estão presos a suas atuais bolsas de “sangue” e “oxigênio” travestidas de smartphones. No caso do Brasil, segundo pesquisa de Elson Azevedo da Unifesp [1], houve aumento de 24% nos suicídios entre adolescentes de 10 a 19 anos, nos anos de 2006 a 2015, basicamente ligados a plataformas como Facebook, WhatsApp e Instagram, que aumentam a exposição ao cyberbullying, assim como o compartilhamento de comportamentos disfuncionais, como a divulgação de métodos de suicídio e minimização dos perigos da anorexia. A fake news da “baleia azul” em 2017, foi um desses casos. No entanto, os mais idosos também devem acompanhar

esse crescimento. Tal tendência no plano mundial se percebe também nos estudos mais recentes de Yuval Harari (2017), com dados bem mais alarmantes.

Não há perspectivas efetivas e eficazes da proteção e exercício de nossos velhos direitos conquistados (mesmo sob o prisma do iluminismo), uma vez que estas corporações se aproveitam da morosidade e atraso das legislações, frente à chamada “inevitabilidade e velocidade das transformações”, assim como à coercitiva cooptação de congressos, poderes públicos e Estados, com o financiamento de candidaturas já simpatizantes com a desregulamentação de território tão lucrativo e cada vez mais estrutural. Assim se polariza uma sociedade, dividindo-a e eliminando a possibilidade de diálogo e construção de consenso, que era o que caracterizava uma sociedade pretensamente democrática. Agora apenas o ódio, a discórdia de éris, fomentando neikós (destruição do outro) na noite dos tempos se que denuncia e se alarga. Nova idade média. Nova idade mídia.

E, contraditoriamente, esta era digital medievalesca se intensifica a partir do atentado às torres gêmeas norte-americanas, em 2001, pois é, precisamente com o argumento da

pseudoluta antiterrorista que o capitalismo de vigilância obtém, com a aquiescência de todos, o extermínio da privacidade e a vulnerabilidade de dados pessoais e sensíveis.

Nem mesmo os criadores de tais algoritmos já não sabem como interrompê-los na lógica corrompedora do superávit comportamental e da monetização, uma vez que a “aprendizagem de máquina” se tornou, ela mesma, autônoma e capaz de se recriar. É algo como se o índice medieval proibitivo da igreja católica em todo o medievo até a contemporaneidade, *index librorum prohibitorum* [1515-1966], relação de obras proibidas aos fiéis e que mantinha censores nas editoras para alinharem-se ao poder teocrático, agora fosse um algoritmo que elimina o acesso a determinados textos, informações e imagens; e reitera, realinha, dispõe e “sugere” à pessoa na frente da tela, outros textos, informações e imagens, de acordo com o seu perfil já renderizado; e assim cumpre a predição, ao modificar o comportamento do pseudousuário.

Por isso nos cabe, momentaneamente e ciente de que a história nos julgará - e quem, eventualmente, ainda existir sob forma e conteúdos humanos, debruçarmos sob estes

destroços arqueológicos que hoje fabricamos nas ruínas que se erguem frente a nossos olhos – declarar nosso direito à desconexão.

A conexão à rede é o pilar básico do novo capitalismo de vigilância, a extirpar a própria natureza humana em sua lógica social da colmeia, iniciando “inocentemente” apenas como um “motor de busca”, no caso do google; ou como forma de conectar velhos amigos através do nome e fotografia, no caso do facebook.

Quais acontecimentos poderiam interromper esta marcha irracional contra a natureza humana? Um colapso entrópico do sistema? Um bug big bang? Esconder-se, de maneira quase paranóica, com mecanismos e dispositivos antirrastreamento e antiextração? Uma sonhada consciência crítica coletiva? Uma regulamentação apropriada em defesa da frágil democracia? Como um bêbado retorna à consciência sem deixar de continuar bebendo?

Ao velho modo de resistência no início da era industrial, retiro meu tamanco de madeira (sabot) dos pés para jogá-lo intencionalmente no meio das engrenagens.

Portanto, de maneira mais concreta, cancelo minha conta de whatsapp (do facebook) e linkedin (inicialmente profissional) – já havia cancelado há

alguns anos as contas de facebook e instagram. Desliguei o smartphone comprando um telefone celular off-line (apenas faz ligações telefônicas), sem bluetooth e nem internet, utilizo PC de mesa, sem câmera e sem microfone, ao modo de máquina de datilografia, e como ilha de edição de vídeos e de masterização de minhas músicas (disponíveis, mas sem mais compartilhar). Nunca utilizei equipamentos “inteligentes” para rastrear minha casa, minha localização ou minha voz. Mantenho meu acervo adolescente de longplays, cds, fitas k7 e videoteca (dvds que na sua maioria são digitalizações de minhas falecidas fitas VHS), assim como meus instrumentos musicais étnicos.

Manterei o e-mail institucional apenas para questões administrativas e burocráticas, que consultarei quando for necessário, enquanto não se resolve minha aposentadoria, hoje por meios judiciais.

Manterei meu sítio eletrônico (www.marcosfe.net) como repositório de minha obra física ou digital: meus livros, textos, artigos, músicas e vídeos de conversas-musicais de meus cursos já findos. Só lamento o rastreo do comportamento daqueles que vierem a consultá-lo. Mas, ainda há por aí exemplares físicos de meus livros, em alguma biblioteca ou sebo,

para serem lidos entre as mãos e isentos do rastreo. Exceção feita às câmeras de vigilância nesses espaços públicos.

A partir de agora, toda e qualquer comunicação, envio de documentos e notícias deverão ser feitas a mim por carta e postadas fisicamente para a minha caixa postal n.o 531 – botucatu/sp – brasil - cep 18618-970, e responderei assim que possível também por carta, preferencialmente, manuscrita.

Eu retorno à epistolografia que durante muitos anos utilizava com as pessoas na condição de alunas como exercício de avaliação em alguns cursos. Agora será a retomada de forma ainda mais crítica e resistente ao novo sistema econômico que açambarcou o político e o social.

Já havia me isolado socialmente na zona rural em 2015, muito antes da epidemia da covid, por não conseguir viver sob a ditadura do fundamentalismo urbano, em busca de qualidade de vida.

Apenas estou acentuando, na desconexão, esta mesma busca.

Se, como alguém disse e se tornou emblema da nova era: “se você não está nas redes sociais, você não existe”, embora eu seja impertinente e convicto anarca-existencialista, prefiro esta forma de “não-existên-

cia” como exercício de resistência e sobrevivência.

Enquanto não haja disseminada legislação adequada e cerceadora dos abusos de extração e mineração de dados, como começam a surgir ainda timidamente na união europeia para garantir a proteção de dados, ficaremos a mercê da voracidade das corporações e suas crescentes intervenções no mundo real: seja na polarização da sociedade seja na manipulação eleitoral através da mudança de comportamento antes do voto propriamente dito, em plataformas como o facebook (campanhas eleitorais de barack obama, donald trump e joe biden nos estados unidos e votação do brexit na inglaterra) e whatsapp da mesma corporação facebook (na eleição de jair bolsonaro no brasil). Não se trata mais de “manipulação” na contagem dos votos.

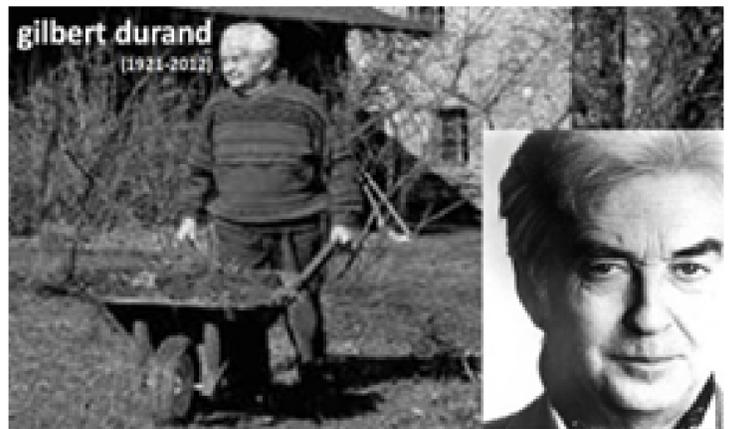
A górgona medusa petrifica, pois seu olhar flamejante revela a falta de conhecimento de si mesmo, a justa medida, daqueles que cometem a hybris (ousadia) de invadir os íferos, ou seja, a descida (catábase) sem comprometerem-se com a transformação necessária para sua subida (anábese): o renascimento. Velho mitema vegetal da busca de equilíbrio que o herói solar, perseu, ar-

rogante, presunçoso e totalitário, solapa, hoje atualizado no capitalismo de vigilância petrificante que extirpa a perplexidade, o espanto e a indignação.

Continuo sendo como muitas críticas apontavam ao longo destes 40 anos de magistério e pesquisa em mitologia comparada, música étnica e processos iniciáticos em comunidades tradicionais e povos originários: um anacrônico, jurássico, humanista biocêntrico, renascentista ultrapassado e romântico.

E continuo reafirmando às críticas: “não sou romântico - *je suis très romantique*”. Em bom francês que, ao menos, era mais audível no antigo circuito acadêmico.

É a parte que me cabe neste latifúndio.



“por trás dessa tela sem brilho lampeja uma grande aventura, um drama para além de toda e qualquer medida, que, precisamente por não ser mensurável, segundo nossos efeitos, é mais transparente ao silêncio do que ao barulho mais frequente, às palavras cotidianas, pai, pão, alegria, morte, amor, pecado, do que às mobilizações dramáticas dos nervos (...) aqueles que o progresso das técnicas materiais exalta a ponto de lhes cumular plenamente os anseios do coração e libertá-los de todo e qualquer fantasma, podem lançar cruzadas contra o desespero.

Essas já estão arrastando, nos seus vagões, o desespero de amanhã, aquele desespero que não permite mais recurso algum, nem permite sequer o gosto dos abismos, pois os abismos serão supresos por decreto

depois pelo terror, em seguida por hábito. E, desta vez, o verdadeiro juntamente com os falsos.”

“Sombras de medo sobre o século XX”, emmanuel mounier, 1948)



emmanuel mounier
(1905-1950)

REFERÊNCIAS

- berdyaev, nikolay (1979). uma nova idade média (original de 1924). curitiba: editora arcádia.
- durand, gilbert (2006). le retour des dieux. entretien avec patrice van eersel. nouvelles clés : la revue qui donne du souffle à vos idées.
- ferreira-santos, marcos & almeida, rogério (2021). antropológicas da educação. são paulo: feusp, selo galatea, 3a ed., portal livre de livros da usp. disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/318/279/1188>
- harari, yuval noah (2017). homo deus: a brief history of tomorrow. uk: vintage penguin random house.
- mounier, emmanuel (1958). sombras de medo sobre o século xx (original de 1948). são paulo: livraria agir editora.
- zuboff, shoshana (2020). a era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. rio de janeiro: ed. intrínseca.

EGITO – O PRESENTE DO NILO

POR LIZANDRA SILVEIRA

“Salve, ó Nilo! Ó tu que brotas da terra e vens para dar vida ao Egito! Misterioso é teu surgimento a partir da escuridão neste dia em que é celebrado! Irrigando os pomares criados por Rá, dando vida a todo o gado, dás à Terra o que beber, grande inesgotável (...) (Hino ao Nilo - cerca de 2.100 a.C.) (Davis, 2016)

O Egito Antigo, fonte de mistério e magia. A civilização desenvolvida nas margens do rio Nilo, na África, até hoje habita na imaginação coletiva, seja através de séries de super-heróis protegidos por divindades antropomórficas, por múmias despertadas em seus túmulos perseguindo aventureiros no cinema ou até por prédios inspirados em sua arquitetura.

Parte desse fascínio vem do fato de que a civilização egípcia foi a cultura que sobreviveu mais tempo na história, tendo permanecido viva ao lon-

go de mais de três mil anos. “O povo egípcio construiu um mundo de grandeza épica, sem paralelos no período antigo por sua longevidade, prosperidade e por suas maravilhas arquitetônicas e artísticas, todas as quais influenciaram profundamente as culturas vizinhas.” (Davis, 2016)

A economia egípcia girava em torno do rio Nilo que, anualmente, durante as estações chuvosas de junho a outubro, inundava e alagava suas margens, deixando uma faixa de terra fértil onde as plantações eram cultivadas. Além disso, o rio também era a principal rota de comércio e de transporte de cargas, como os materiais que construíram suas belezas arquitetônicas.

“Os egípcios, além de desenvolverem o primeiro governo nacional do mundo, ainda criaram o calendário de 365 dias, foram pioneiros na geometria e astronomia, desenvolveram uma das primeiras formas de

escrita e inventaram o papiro” (Davis, 2016). Seu sistema de governo era uma teocracia - seus reis, chamados de faraós, eram considerados divinos. Para a manutenção dessa sociedade, o Egito desenvolveu um complexo sistema de costumes e crenças.

Os faraós eram responsáveis por manter a ordem cósmica, cuidando da relação do povo com os deuses, para que estes protegessem o Egito, garantindo que o sol nascesse todos os dias e trouxessem a cheia anual do rio Nilo.

Os mitos de criação

Os mitos egípcios foram moldados por duas grandes forças: o rio e o deserto, que simbolizavam a dualidade entre a vida e a morte. “As fronteiras entre o mundo da vida e da morte não eram vistas como metafóricas ou simbólicas, mas sim como realidades tangíveis para os egípcios.” (Davis, 2016)

Outra dualidade cuja compreensão é essencial para o entendimento dos mitos era maat e isfet. Maat simbolizava a ordem cósmica, seu conceito significava verdade, justiça e honra-dez. Já isfet representava o caos, a desordem “e era visto como um elemento fundamental em tudo que existia.” (Carabas, s/d)

Os conhecimentos sobre os mitos e crenças dessa sociedade foram reconstruídos com base tanto em pergaminhos bem preservados quanto na arte funerária encontrada nas pirâmides e tumbas.

Sabe-se hoje que existem mais de quatro versões diferentes sobre a criação do mundo, com detalhes e personagens em comum e ligadas a grandes cidades surgidas em épocas distintas na longa história do Egito Antigo. Durante o período do Novo Império, os sacerdotes de Tebas buscaram unificar todas as tradições mitológicas do Egito em uma só.

Essas histórias contavam, basicamente, que o deus sol, Rá-Aton, emergiu de um caos aquático denominado Nun, que era representado pelas profundezas do mar, existente desde o princípio dos tempos e a origem do próprio Nilo.

“A origem do panteão egípcio é uma das mais obscuras, porém está, invariavelmente, ligada ao símbolo da luz, ou Rá, consagrado desde sempre como o princípio regente e criador. Longe de apagar sua memória, o tempo deu origem a uma vasta família de deuses que, desde os dias em que somente existia o oceano, de cujo ovo veio o Sol, cresceram e multiplicaram seus atributos, a fim de prover de divindades não somente o

curso dos negócios humanos, mas as concepções mais complexas do Além(...).” (Robles, 2006)

Rá-Aton representava a totalidade e continha em si mesmo tanto o feminino quanto o masculino. A partir de sua própria semente, ele gerou seus filhos gêmeos Shu, deus do ar/atmosfera, e Tefnut, deusa da umidade, que formaram o primeiro casal divino. De sua união surgiu um novo par de deuses: Geb, deus da terra, e Nut, deusa do céu.

Conta-se que Geb e Nut haviam se unido em um abraço tão apertado ao nascerem que não havia espaço para coisa alguma existir entre eles. Então, Rá-Aton ordenou que Shu separasse os dois, empurrando Nut para o céu. “De pé, por sobre Geb, Shu empurrou Nut para cima e formou a grande abóbora que compõe o céu, deixando que suas mãos e pés repousassem sobre os quatro pontos cardeais.” (Davis, 2016)

Antes que o casal fosse separado, Nut havia engravidado. Seus filhos são os quatro deuses que compõem o principal panteão egípcio: Osíris, Ísis, Set e Néftis, completando a chamada Enéade ou os nove deuses de Heliópolis, que representavam a criação física do mundo.

O mito de Osíris

Osíris casou-se com sua irmã Ísis e tornou-se o primeiro faraó do Egito, sendo o deus responsável por ter trazido as plantas e estações para a Terra, ensinou os homens a cultivar e a usar ferramentas, criando assim a civilização. O casal governou o país com sabedoria e seu sucesso era invejado por seu irmão Set. A ira de Set cresceu após ele descobrir que Osíris, ao ter confundido Néftis com Ísis, dormiu com a irmã, que era esposa de Set. Dessa união, Néftis concebeu Anúbis, o deus com cabeça de chacal.

Set orquestrou sua vingança. Convidou o irmão para um banquete, com a presença de 72 cúmplices. No salão onde a reunião aconteceria, Set colocou um bellissimo baú, em formato de caixão, de madeira ricamente trabalhada, e o ofereceu como presente para aquele que coubesse dentro dele. Todos os presentes tentaram entrar, mas apenas Osíris coube com perfeição no baú. Set rapidamente fechou a tampa com pregos e, com a ajuda de seus companheiros, a selou com chumbo derretido. Então, jogou o baú no rio Nilo, que o levou até o mar.

A caixa parou embaixo de uma tamareira em Biblos, cidade portuária

da Fenícia. Com o passar do tempo a árvore cresceu ao redor do caixão, circundando-o completamente, com o corpo do falecido Osíris em seu interior.

Ísis, ao saber da morte do marido, cortou suas tranças e ficou inconsolável, chorando tanto que suas lágrimas causaram a cheia do rio Nilo. Juntamente com Anúbis, a deusa parte à procura de seu amado. Ela descobre que a tamareira onde o caixão se encontrava havia sido cortada pelo rei da Fenícia que a utilizara como pilar de sustentação de sua casa.

“(...) então ela foi a Biblos e sentou-se perto de uma fonte, toda desalento e lágrimas, ela não trocou nenhuma palavra com ninguém, apenas deu boas-vindas às criadas da rainha e as tratou com grande amabilidade, escovando seus cabelos e transmitindo uma fragrância maravilhosa de seu próprio corpo ao corpo delas. Mas quando a rainha observou suas duas servas, um desejo pela mulher desconhecida tomou conta dela, pelo penteado da mulher e pelo corpo perfumado de ambrósia. Então aconteceu que Ísis foi chamada e tornou-se tão íntima da rainha, que a rainha a fez enfermeira de seu bebê...”
(Carabas, s/d)

Ísis cuidou da criança e à noite a colocava no fogo para queimar suas porções mortais e transformava-se em andorinha voando ao redor do pilar com um lamento choroso. Seus lamentos um dia foram ouvidos pela rainha, que, ao aproximar-se, viu seu bebê no fogo e gritou para retirá-lo, interrompendo assim a magia. Foi então que a deusa enfim se revelou e pediu o pilar onde encontrava-se o corpo do marido. Ísis escondeu o baú em uma região pantanosa do delta do Nilo e lá finalmente conseguiu abrir o caixão. Então transformou-se em um pássaro e com a batida de suas asas, trouxe a vida de volta a Osíris.

O deus reviveu apenas por um instante, tempo suficiente para que os dois fizessem amor e a deusa concebesse seu filho Hórus, o deus com cabeça de falcão. Após sua morte, Ísis o colocou em uma tumba e passou a vigiá-lo. Mas Set, que havia se tornado faraó na ausência do irmão e da irmã, ao saber que Osíris jazia em uma tumba, o encontrou, cortou seus restos mortais em 14 pedaços e os espalhou pelo Egito.

Novamente Ísis parte em busca de Osíris e com a ajuda de Nut e Anúbis encontra quase todos os pedaços, menos o falo. Todos os membros foram unidos novamente através do embalsamamento e da mumificação

realizados por Anúbis. Com sua magia, Ísis fez Osíris renascer outra vez, mas, devido à ausência do falo, o deus era incapaz de se reproduzir, tornando-se então o senhor dos mortos, governante das terras além do horizonte do deserto e do reino subterrâneo.

Coube a Hórus a busca pela vingança do pai, após uma longa guerra entre ele e Set, os outros deuses reuniram-se em um tribunal para decidir qual dos dois deveria governar. “Set alegou que Hórus era ilegítimo, pois tinha sido concebido depois do assassinato de Osíris, mas Hórus conseguiu fazer valer a legitimidade de seu nascimento. Os deuses condenaram o usurpador, devolveram a herança de Hórus e o declararam rei do Egito”. (Greene & Sharman-Burke, 2001)

REFERÊNCIAS

- Carabas, M. (s.d.). O mito de Osíris - A história e o legado da lenda mitológica mais importante do Antigo Egito. Charles River Editors.
- Davis, K. C. (2016). Tudo o que precisamos saber, mas nunca aprendemos, sobre mitologia. Rio de Janeiro: Difel.
- Greene, L., & Sharman-Burke, J. (2001). Uma viagem através dos mitos. O significado dos mitos como um guia para a vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Robles, M. (2006). Mulheres, mitos e deusas - O feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph.
- Willis, R. (2007). Mitologias - Deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. São Paulo: PubliFolha.



SHUN DE ANDRÔMEDA

A SAGA DOS CAVALEIROS DOS ZODÍACOS

POR LEONARDO TONDATO

-“Ikki!” Quem nunca ouviu o personagem Shun gritar recorrendo auxílio de seu irmão nas batalhas? Este é Shun, o cavaleiro de Andrômeda, irmão de Ikki de Fênix. É descrito como um jovem de aparência frágil e olhos e cabelos verdes (no anime). Ele é poderoso e bondoso, não gostando de lutar, o que o coloca em alguns problemas. A sua docilidade e candura faz com que seja interpretado como um dos cavaleiros mais frágeis.

Sua personalidade é pacífica e odeia lutar, preferindo se defender apenas e não atacar, é nobre e isso coloca o seu coração como um dos mais bondosos dos cavaleiros de Atena, sempre pronto para se sacrificar em prol do outro, tal como a sua constelação protetora. Shun é tido como a pessoa de coração mais bon-

doso da terra.

O mito de Andrômeda

Andrômeda era uma princesa da mitologia grega, filha do rei Cepheus e da rainha Cassiopeia, que governavam a Etiópia, na região do Alto Nilo, juntamente com áreas ao sul do deserto do Saara. Sua mãe se gabava de que Andrômeda era mais bonita que as Nereidas, filhas de Nereu e Dóris, e companheiras de Poseidon. Por causa de sua arrogância, Poseidon decidiu enviar um monstro marinho, Cetus, para devastar as terras da Etiópia. Depois de consultar um oráculo, o rei e a rainha acorrentaram Andrômeda a uma rocha, como sacrifício ao monstro.

No entanto, o herói Perseu estava próximo e ouviu falar da morte imi-

nente de Andrômeda; quando o monstro emergiu do mar, ele conseguiu matá-lo, seja com uma faca ou expondo-o à cabeça de Medusa, que o transformou em pedra. Assim, Andrômeda foi salva. Perseu se casou com ela, que o seguiu em sua jornada de volta à Grécia. Eles tiveram nove filhos juntos. Após sua morte, a deusa Atena a colocou no céu como uma constelação, perto de seu amado marido Perseu e de sua mãe Cassiopeia (retirado do site Greek Myths <https://www.greekmythology.com/Myths/Mortals/Andromeda/andromeda.html>).

O mito traz algumas considerações importantes sobre o simbolismo de Andrômeda e como tal simbologia afeta a constituição arquetípica do personagem. Cabe pensar na questão de Andrômeda e suas correntes, tal como o sacrifício que lhe é imposto e em que o personagem também se coloca. Em primeiro lugar, cabe pensar que o sacrifício acompanha muitas vezes o processo da psique de crescimento. Para que a consciência se amplie é necessário um sacrifício, por exemplo, para se entrar na adolescência, o corpo e a psique infantil são sacrificados, dando lugar e origem para que o novo possa emergir. É interessante observar que Shun sempre é alvo dos sacrifícios,

tendo-os como uma marca em sua história e realizando-os para dar andamento à trama e para que tudo possa ocorrer bem.

É interessante pensar que os sacrifícios, no caso de Shun, auxiliam o desenvolvimento da história, todavia o colocam sempre como um mártir a ser sacrificado. Existe um duplo na questão do mártir e do sacrifício, que é presente em muitas mitologemas de povos e, também, religiões. Mitologema é um termo que fala sobre a estrutura fundante do mito, ou seja, o motivo constitutivo arquetípico daquela mitologia, sendo ela então a unidade indivisível do mito.

Toda forma de se sacrificar faz bem para psique ou então produz um efeito de ampliação de consciência? Segundo PEARSON (1989):

“O sacrifício apropriado proporciona aos Mártires o conhecimento mais profundo dos seus valores e compromissos com o trabalho e com as outras pessoas, e torna-os mais, e não menos, eles mesmos. Inversamente, o sacrifício impróprio faz-lhes perder o contacto consigo próprios e com a sua capacidade de amor, de intimidade, ou até mesmo de alegria na relação, o que resulta numa tendência para experiências subjetivas, para trocar a sua própria identidade pela dos outros.”

Isso resulta sempre numa exigência feita aos outros de que correspondam às nossas expectativas.”

No começo do anime, Shun parecia mais inconsciente e ingênuo, demonstrando também certa imaturidade, natural de tal inocência. Ao longo das batalhas e da série como um todo, Shun passa a amadurecer e o seu sacrifício também se transforma, não mais como algo quase indiscriminado, mas sim em prol do bem-estar comum, todavia sem esquecer também de si mesmo, finalmente gerando a ampliação de consciência como efeito.

Ainda sobre a questão, PEARSON (1989) reitera:

“Por exemplo, os pais que abandonam as suas vidas pelas necessidades dos filhos quase sempre exigem que eles lhe paguem tributo – que a criança dê a sua própria vida para validar ou justificar o sacrifício do pai/mãe, sendo bem-sucedida, atenciosa, obediente. Desta forma, os filhos não podem ser eles mesmos. Mas se a doação dos pais foi apropriada, e refletir aquilo que os pais também precisavam de fazer por si mesmos, estes não necessitam de tributo, embora, obviamente, apreciem o amor e a gratidão dos filhos.”

O sacrifício pode sim trazer frutos, tal como também a culpa para o sa-

crificado, conforme PEARSON (1989) diz:

“Os nossos primeiros sacrifícios parecem ter sido arrancados de nós como se estivéssemos a abandonar partes fundamentais de nós mesmos. Depois aprendemos que jamais se deve abandonar o que é essencial. As coisas que sacrificamos adequadamente devem ser sempre aquelas que estamos prontos a abandonar. Para a maioria das pessoas, o sacrifício é doloroso porque elas se sentem na obrigação de controlar ou manipular tudo, para que os frutos do sacrifício retornem a elas, sob a forma de benefícios.”

Concluindo sobre a questão do mártir, cabe pensar que seus sacrifícios, embora sejam dolorosos e exijam um preço a ser pago, emocional e físico também, como visto no desenho, não é um final, mas sim uma possibilidade de abertura de consciência que permite que o novo possa emergir e a própria consciência se alargar, conforme ressalta PEARSON (1989):

“A lição final do Mártir consiste em optar por doar a sua própria vida e saber que a própria vida é a recompensa, sem perder de vista que todas as pequenas mortes, todas as perdas nas nossas vidas trazem sempre consigo uma transformação e uma nova vida, e que as mortes reais não

são o fim, mas simplesmente uma passagem mais drástica para o desconhecido”

Shun, Andrômeda, Animus

O mito de Andrômeda permite, também, análises, ampliações e relações com os personagens. Uma delas é a relação com o animus. Jung, em sua obra, postulou sobre a questão da alma. Alma e animus são instâncias relacionais, falam sobre o feminino e o masculino presentes na psique do homem e da mulher. Enquanto a alma traz a questão da sensibilidade e é regida pelo princípio do Eros, dando então contorno à paixão, inspiração, sensibilidade e outros, o animus é regido pelo princípio de Logos. A palavra animus significa “espírito” e o seu princípio, como já mencionado, é guiado pela lógica, razão, objetividade e praticidade. O animus pode atuar de maneira positiva ou negativa e é desenvolvido com as primeiras experiências da mulher com o pai, ou o masculino. Durante o desenvolvimento, essas experiências culminarão no animus positivo e no complexo paternos, ambos podendo ser positivos ou negativos. Cabe pensar que, em sua polaridade positiva, percebe-se alguns aspectos, tais como a praticida-

de na tomada de decisões, a questão empreendedora e destemida e também a sua ação no mundo.

A mulher que possui um animus negativo agirá muitas vezes sem perceber os diferentes contextos das situações, de maneira agressiva, atropelando as pessoas e as situações, algo que beira o belicoso. Silvia Molina publicou um texto, no site do IJESP, falando sobre o animus, que possui um interessante ponto para reflexão:

“Assim, para a consciência da mulher é mais importante, mais interessante, o universo das relações pessoais, percebendo nuances que costumam escapar à percepção dos homens. Ficam em segundo plano e pertencem aos domínios do Animus, os fatos objetivos e suas inter-relações, o espírito utilitário e aplicado (C.G. JUNG, 1987, p. 82). O Animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem. Quando [mais] consciente, o Animus é um ser criativo e engendrador de modo próprio, expressa a palavra que gera (idem, p. 84). Já o Animus inconsciente se expressa de modo condenatório, como uma consciência moral coletiva conservadora ou ao contrário, um reformador, irrefletido (ibidem), atacando, por exemplo, o desempenho da Persona, ou de outras pessoas.

O *Animus inconsciente* expressa opiniões com pressupostos inconscientes, opiniões irrefletidas – doxa para os gregos clássicos em contraposição ao conhecimento decorrente de reflexão, *episteme*. Assim, uma mulher tomada pelo *Animus* se expressará de modo dogmático e considerará que sempre tem razão. Quando inconsciente, o *Animus* também se comportará como um amante ciumento, pronto para substituir um homem de carne e osso por uma opinião sobre ele (doxa). Será, em geral, uma opinião coletiva que negligencia o indivíduo; um pensamento em lugar onde seria mais adaptativo empregar o sentimento ou a intuição (E. JUNG, 2006). Como função associativa de ideias, no que se refere a situações exteriores, o *Animus* não deve intervir. Deve ser dirigido para dentro, a fim de associar os conteúdos do Inconsciente (C.G. JUNG, 1987, p. 84). O *Animus inconsciente* é incômodo e destrutivo.

O *Animus* [mais] consciente ajuda a mulher a criar, a realizar tarefas e projetos; é prestativo, discriminativo, promove a abstração. Pela dança, música, passatempos a mulher pode acessar a expressão de seu espírito, de seu *Animus*. Sua função quando consciente é a compreensão e identificação do sentido de conteúdos que vêm do inconsciente (E. JUNG, 2006

pp. 16, 22, 27, 33, 39, 49). Ou a mulher se torna consciente e espiritualmente ativa ou o *Animus* se torna autônomo, negativo, destrutivo de si mesma e de suas relações com outras pessoas (*idem*, p. 22). Por outro lado, guiar e acompanhar as mudanças e transformações psíquicas, guiar e proteger a vida interior caracteriza-se como uma importante função do *Animus superior*, suprapessoal (isto é, além dos aspectos pessoais da experiência de vida de uma dada mulher) (*idem*, p. 45, 49).”

Pensando na questão de Shun, cabe a ressalva de que existem inúmeras formas de masculino, todavia a sociedade contemporânea está presa somente na masculinidade tóxica, ainda mais a sociedade brasileira. Shun mostra ser um personagem com uma alma bem desenvolvida, fazendo com que a sua sensibilidade e empatia sejam integradas ao grupo dos outros cavaleiros. Sobre a questão da alma, ainda recorrendo ao texto do Ijep:

“A Anima, por sua vez, adquire suas características mais pessoais por meio da experiência do homem com a mãe e as mulheres que o mobilizam emocionalmente. A Anima se expressa, quando inconsciente, por meio de predições e projeções afetivas e se interpõe entre os parceiros, como nas relações entre marido e mulher.

A Anima quando em oposição ao mundo exterior manifesta-se por uma exclusividade apaixonada, impedindo a adequada relação do homem com o mundo exterior e sua dedicação à sociedade (idem, p. 85). Ao contrário, quando age como guardiã do mundo interior e condutora da consciência a esse mundo, dá ao homem acesso aos sentimentos. Ou seja, “os movimentos emocionais que ocorrem no inconsciente são transmitidos à consciência pela feminilidade do homem, pela anima, que as percebe” (E. JUNG, 2006, p. 65).

A mulher em geral está mais aberta ao inconsciente que o homem, sendo a receptividade uma atitude feminina, o que exige abertura e vazios - para C.G. Jung, este é o maior segredo do feminino (E. JUNG, 2006, p.67). Emma Jung (idem, p. 68) prossegue: “A Anima, sendo o feminino no homem, possui justamente essa receptividade e falta de preconceito em relação ao irracional, e por essa razão ela é qualificada de mensageira entre o inconsciente e a consciência”.

A receptividade de Shun e a sua disponibilidade interna faz pensar sobre o desenvolvimento de uma anima positiva que pode também, se colocada de forma exacerbada, dar sensibilidade extrema e ocasionar o não enfrentamento das situações, fi-

cando então o indivíduo “melindrado”. O “ataque de anima” lembra a sensibilidade a tal ponto como se estivesse à flor da pele, nada pode ser falado ou visto, somente o ponto de vida daquela pessoa, justamente com sua visão altamente sensível, o que também deturpa a realidade.

O desenvolvimento de anima do personagem Shun de Andrômeda faz com que ele trate as mulheres de maneira gentil, como visto com a cavaleira de Camaleão, todavia, necessita, em relação ao desenvolvimento psíquico, expandir a função pensamento, que coloca objetividade nas ações, e lidar com a sua anima, para que não seja também possuído por ela.

Ikki e Shun, o arquétipo fraterno

“Fraternidade não é unificar diferenças, é diferenciar semelhanças. A experiência da alteridade é inquietante, desafiadora, e começa com o irmão. O campo do Outro é vasto, cheio de prazeres e dores. Tanto do ponto de vista pessoal, quanto do ponto de vista coletivo, as possibilidades do arquétipo fraterno são imensas: solidariedade, companheirismo, amizade, associações, cooperação, entendimento, lealdade, aceitação. Também grandes são suas

feridas: rivalidade, inveja, hostilidade, autoritarismo, guerras civis, intolerância, preconceito.” (BARCELLOS, 2009)

Ao começar com a citação de Gustavo Barcellos em seu livro – O Irmão, Psicologia do arquétipo fraterno, pensa-se sobre a relação entre irmãos e como ela é um campo importante para o desenvolvimento psíquico do indivíduo. A relação de companheirismo e fraternidade do arquétipo, em sua polaridade positiva, mostra o desenvolvimento de uma relação empática e de auxílio. O ciúme e as disputas também marcam o arquétipo, porém em sua polaridade negativa. Cabe pensar que é na relação com o irmão que se aprende a dividir, a compartilhar, e funciona como base arquetípica para a relação com o Outro, cabendo, aqui, dois mitos sobre as duas polaridades do arquétipo do irmão: Castor e Polux e Caim e Abel. Será vista também a história de Rômulo e Remo.

Rômulo e Remo

Segundo a mitologia romana, Rômulo e Remo são dois irmãos gêmeos. Rômulo foi o fundador da cidade de Roma e seu primeiro rei. Conta a lenda que Rômulo e Remo

eram filhos do deus grego Ares, ou Marte, seu nome latino, e da mortal Reia Sílvia (ou Rhea Silvia), filha de Numitor, rei de Alba Longa.

Amúlio, irmão do rei Numitor, deu um golpe de estado, apoderou-se da coroa e fez de Numitor seu prisioneiro. Reia Sílvia foi confinada à castidade, para que Numitor não viesse a ter descendência. Entretanto, Marte desposou Reia que deu à luz os gêmeos Rômulo e Remo. Amúlio, rei tirano, ao saber do nascimento das crianças, jogou-as no rio Tibre. A correnteza os arremessou à margem do rio, onde foram encontrados por uma loba, que os teria amamentado e cuidado deles até que foram achados pelo pastor Fáustulo, que, junto com sua esposa, os criou como filhos.

Quando Remo se tornou adulto, se dispôs com pastores vizinhos, e estes o tomaram e levaram à presença do rei Amúlio, que o aprisionou. Fáustulo revelou a Rômulo as circunstâncias de seu nascimento, este foi ao palácio, libertou o irmão, matou Amúlio e libertou seu avô Numitor, que recompensou os netos dando-lhes o direito de fundar uma cidade junto ao rio Tibre.

Os dois consultaram os presságios e seguiram até a região destinada à construção da cidade. Remo dirigiu-

se ao Aventino e viu seis abutres sobrevoando o monte. Rômulo, indo ao Palatino, avistou doze aves, fez então um sulco por volta da colina, demarcando o Pomerium, recinto sagrado da nova cidade. Remo, enciumado por não ser o escolhido, zombou do irmão e, num salto, atravessou o sulco, sendo morto por Rômulo, que o enterrou no Aventino.

Rômulo, após a fundação da cidade, preocupou-se em povoá-la. Criou o Capitólio, um refúgio para todos os banidos, devedores e assassinos da redondeza. A notícia da nova cidade se espalhou e os primeiros habitantes foram chegando, principalmente Latinos e Sabinos. Rômulo, após longa batalha com os Sabinos, firmou acordo com Tito Tácio, seu rei, e com este reinou sob uma só nação na grande cidade de Roma.

A Rômulo também é atribuída a instituição do Senado e das Cúrias.

Castor e Polux

No dia em que se casaria com Tíndaro, rei de Esparta, Leda, ao ir se banhar num lago cheio de cisnes, é avistada por Zeus. O deus, apaixonado pela futura rainha, se metamorfoseia num imenso cisne branco e atrai Leda em sua direção. Após encantar a mortal, Zeus a fe-

cunda. Na sua noite de núpcias, ela também é fecundada por Tíndaro e, após a gestação, dá à luz dois ovos gigantes, um contendo Castor e Clitemnestra, e o outro, Pólux e Helena.

Os dois primeiros, mortais, filhos do rei espartano, e os outros, imortais, filhos do rei olímpico. As irmãs, após crescerem, tomam rumos diferentes. Clitemnestra casa-se com Agamemnon e é assassinada por dois de seus filhos de uma união extraconjugal, Electra e Orestes. Helena será a pivô da famosa Guerra de Troia. Os irmãos Castor e Pólux, que desenvolvem uma profunda união e amizade, são instruídos por Hermes nas artes da luta, que desperta sua inteligência, astúcia e curiosidade. Queridos por todos desde pequenos por serem alegres e simpáticos, os irmãos eram os diletos de Zeus por seu respeito e carinho para com o deus, e este, assim como Tíndaro tratava Pólux, tratava Castor como a um filho seu. Por orientação do próprio Zeus, também receberam os ensinamentos do centauro Quíron.

Os irmãos, em busca de aventura e achando a causa justa, unem-se à tripulação da nau Argos, em busca do Velocino de Ouro. Castor dominava os animais e as armas, sendo o mais belicoso dos dois, e Pólux era inven-

cível e astuto. Por sua lealdade, eram também queridos por todos os argonautas. Após a empreitada, retornam à sua terra natal, onde conhecem e se apaixonam por Febe e Ilaira, mas ambas já estão noivas e prestes a se casar.

Apaixonados, raptam-nas, o que desperta a fúria dos noivos, que saem a caçar os irmãos. Alcançando-os num campo de guerra, a batalha se inicia e, após uma distração do irmão imortal, Castor é ferido mortalmente por uma lança. Cego de fúria, Pólux mata todos e corre para seu irmão, bem como Zeus que, ao ouvir o grito agonizante daquele que considerava como a um filho, chega ao local da batalha, vendo o desespero e horror da situação. Pólux implora a vida do irmão ao pai divino, mas este, sem poder interferir nas questões da vida e da morte, nada pode fazer.

Em desespero, Pólux pede ao pai que transfira ao irmão sua imortalidade pois ele não aguentaria a vida sem a sua presença, e assim é feito. Logo em seguida, Castor percebe a morte iminente do irmão e faz o mesmo pedido a Zeus, que, compadecido da dor dos irmãos, os transforma no que hoje é a constelação de Gêmeos, para que eles pudessem compartilhar um da presença do outro pela eternidade.

Caim e Abel

Para a história de Caim e Abel, segue a versão encontrada no site Info-escola.

A história de Caim e Abel está relatada no início da Bíblia, no capítulo quatro do livro de Gênesis. Consta que, após serem expulsos do Jardim do Éden, Adão e Eva tiveram seus dois primeiros filhos: Caim e Abel.

“E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse: Alcancei do Senhor um homem. E deu à luz mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra” (Gn 4,1:2).

A palavra “conhecer” neste contexto é utilizada para expressar a intimidade sexual, ressaltar os primeiros nascimentos decorrentes da ação divina na criatura humana, a vinda de filhos gerados na esfera da carne de um homem e de uma mulher; sendo que o primeiro casal (Adão e Eva) haviam sido formados diretamente na ação do próprio Deus.

De acordo com as escrituras, naquele tempo, eles praticavam atos de adoração ao Senhor sacrificando parte de suas produções. E toda vez que faziam a oferta ao Senhor, Este se agradava das que Abel oferecia e não se agradava das ofertas de Caim. Isso

se justifica pelo fato de que Abel oferecia as primícias, ou seja, os primeiros e melhores frutos para serem dedicados a Deus, indicando o coração voltado a Ele, colocando o seu Senhor em primeiro lugar. Em seu caso, a melhor ovelha. Enquanto Caim oferecia o que restava da colheita, o que tornou seu ato de ofertar ao Senhor como um ato de formalidade, um ato sem importância. O resultado disso foi que o Senhor se agradou da oferta de Abel e não se agradou da oferta de Caim.

Não bastasse colocar o Senhor em segundo plano, a história relata que Caim invejou o irmão, vindo a fazer aquilo que seria o primeiro homicídio: Caim matou Abel. *“E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou”* (Gn 4:8)

Em seguida, o Senhor fala diretamente a Caim, e o repreende: *“E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra. E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra”* (Gn 4,10:12). Em vista disso, Caim admite sua con-

denação e responde ao Senhor: *“Então disse Caim ao Senhor: É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada. Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na terra, e será que todo aquele que me achar, me matará”* (Gn 4, 13:14).

Após relatar esse diálogo, há o relato de que, apesar de não aprovar atitude Caim, o Senhor agiu com misericórdia e colocou nele um sinal, para que não fosse ferido de morte por quem o encontrasse. E assim saiu Caim diante da face do Senhor e morou na terra de Node, do lado oriental do Éden, vindo a ter mulher e filho, chamado Enoque, e ainda edificou uma cidade.

Ainda no livro de Gênesis, há um relato sobre a genealogia de Caim, citando os nomes dos descendentes de Enoque e revelando inclusive que Adão e Eva tiveram mais filhos, entre eles o chamado Sete, pois segundo Eva *“Deus me deu outro filho em lugar de Abel; porquanto Caim o matou”* (Gn 4:25).

Sobre a questão do arquétipo fraterno, BARCELLOS (2009, p.18) diz:

“O papel fundamental do arquétipo fraterno na estruturação e no estabelecimento da vida adulta individual é inegável, ainda que desprezado. Irmão

e irmã são figuras poderosas em nossas vidas na constituição de nossos padrões de relacionamento maduro.”

É importante pensar que a relação de irmandade não se restringe somente a irmãos de sangue, há inúmeros laços de irmandade na vida e vínculos que possuem qualidade de irmandade, como aponta BARCELLOS (2009, p.20):

“O irmão, contudo, como uma imagem primordial na alma está presente na evolução psicológica de cada indivíduo, e sua influência, queiramos ou não, proteja-se inevitavelmente na história e na construção de nossas ligações com amigos, companheiros, sócios e colegas. Assim, ainda que pensemos no filho único, essa imagem estará sempre, de alguma forma, ativa e presente.”

A relação de Shun de Ikki, no anime, começa através do sacrifício do último, que troca de lugar com o seu irmão, sendo ele o alvo do sacrifício, indo treinar na Ilha da Rainha da Morte. Neste primeiro momento, a relação dos irmãos mostra a polaridade positiva da irmandade, constelando a faceta de Castor e Pollux, irmãos que dificilmente se separavam.

Ao regressar do treinamento, se descobre que Ikki voltou como vilão, almejando a armadura de Sagitário e

trazendo consigo os cavaleiros negros que os combatem, até então, 04 cavaleiros de bronze. Pode-se pensar, no regresso de Ikki, em seu momento como vilão e na relação com o seu irmão Shun que se constela a faceta negativa do arquétipo, Caim e Abel.

Mais uma vez se recorre à obra de BARCELLOS (2009) para falar acerca das polaridades do arquétipo, que são vivenciadas na vida:

“Pretendo apresentar e discutir agora alguns aspectos da sombra das relações horizontais simétricas, ou seja, a psicopatologia das relações de irmãos, principalmente, mas além disso, e por extensão lógica, das relações com amigos, companheiros, camaradas. Como então rivalidade, competição, suspeita, dissimulação, distância, ciúme, inveja, revanche, vingança, disputa, briga e mesmo fratricídio, autoritarismo e humilhação, conflito ou desinteresse, crimes e castigos atingem esse amor, tingindo-o tantas vezes com as cores tristes da ruptura, do afastamento, do abandono, do silêncio ou da discórdia?”

Ainda a respeito do arquétipo fraterno, BARCELLOS (2009):

“Há muitas “mitologias dos irmãos”. Elas dão esse testemunho primordial da importância fundamental das relações simétricas. Aqui, interessamos em seu valor psicológico. As histó-

rias de irmãos pertencem a todas as culturas e tradições religiosas, ainda que pouca relevância costuma-se dar a elas.”

Percebe-se a temática do irmão em inúmeras mitologias, que remontam ao tema mitologema, ou seja, o núcleo arquetípico da experiência universal com a temática da fraternidade e irmandade. Ainda sobre isso, BARCELLOS (2009):

“Vários pares de irmãos nos chegam por meio das histórias míticas de diversas tradições. Castor e Pólux, Remo e Rômulo, Gilgamesh e Enkidu, Caim e Abel, Esaú e Jacó, Apolo e Hermes, Ísis e Osíris, Cosme e Damião, para citar novamente apenas alguns entre os mais representativos.”

Dentro da questão do arquétipo fraterno, cabe lembrar, como mencionado, é uma experiência do humano, que se desvela em desenvolvimento na vida e durante a vida. Ikki e Shun mostram, ao mesmo tempo, sua relação fraterna, que também se amplia dentro do próprio anime, tal como os irmãos guerreiros deuses da saga de Asgard Shido de Mizar e Bado de Alcor.

A experiência de irmandade é a experiência da vida, sejamos, então, irmãos.

REFERÊNCIAS

- Pearson.C The Hero Within.San Francisco, Harper & Row, 1989
- <https://www.ijep.com.br/artigos/show/educando-a-anima-e-o-animus>
- <https://medium.com/@astrocoeli/g%C3%A4meos-castor-e-polux-672a229b92b6>
- BRANDÃO,J.Mitologia Grega, vol 1,2,3. Editora Vozes, 2009.
- BARCELLOS.G. O irmão: Psicologia do arquétipo fraterno. Editora Vozes, 2009.
- JUNG.C.G. Obras Completas. Editora Vozes, 2011.

ARTIGO PUBLICADO ORIGINALMENTE NO SITE MINUTO OKATU E CEDIDO PARA A REVISTA ELETRÔNICA MITOLOGIA ABERTA PELO AUTOR.



LIVRO: Arteterapia: Correlações entre Temas e Recursos

AUTORA: Patrícia Pinna Bernardo

POR LARISSA DIAS

Muitos podem estranhar o fato de um livro sobre Arteterapia estar na biblioteca de Thoth, não é? Mas, em 2013 foi publicada a primeira edição da coleção da Patrícia Pinna dos livros sobre arteterapia. Patrícia é uma visionária, que atua com mitologia durante toda a sua carreira, sendo criadora da primeira pós-graduação de mitologia comparada do Brasil. Em seus livros, ela traz diversas histórias da mitologia, relacionando-as com temas mitológicos e recursos expressivos para os processos de cura.

No ano de 2022 saiu a nova edição. Por isso a biblioteca de Thoth vem trazendo este trabalho pioneiro para vocês. Agora vamos conhecer a publicação!

O primeiro livro fala sobre os temas centrais da arteterapia, abordando conceitos da psicologia analítica e o caminho para vivermos nosso mito pessoal; o segundo livro fala sobre a mitologia indígena e a arte de trilhar a roda da vida, a jornada do herói, os



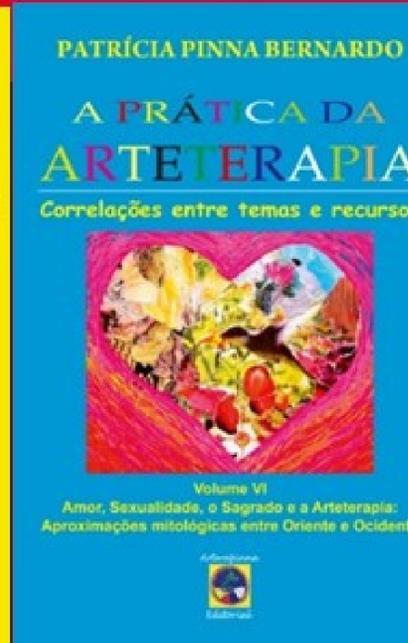
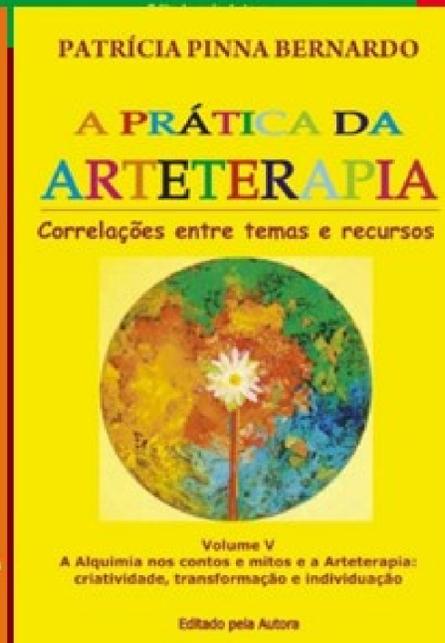
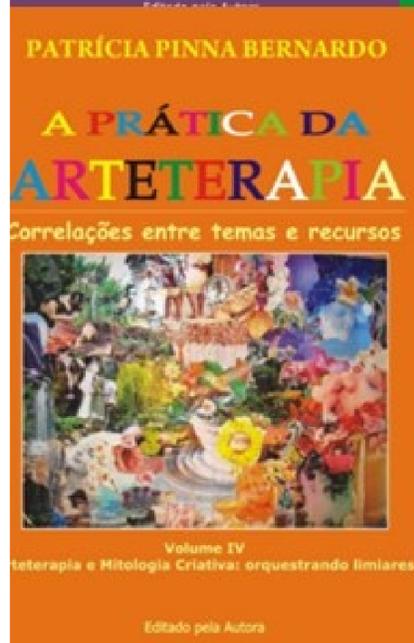
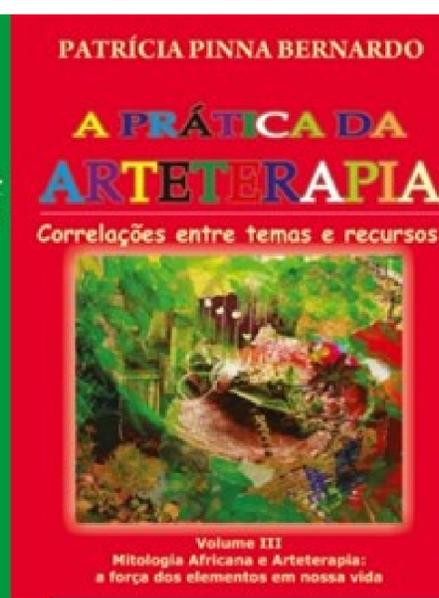
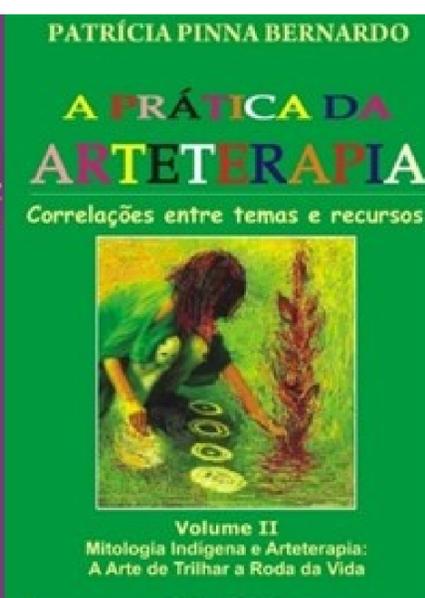
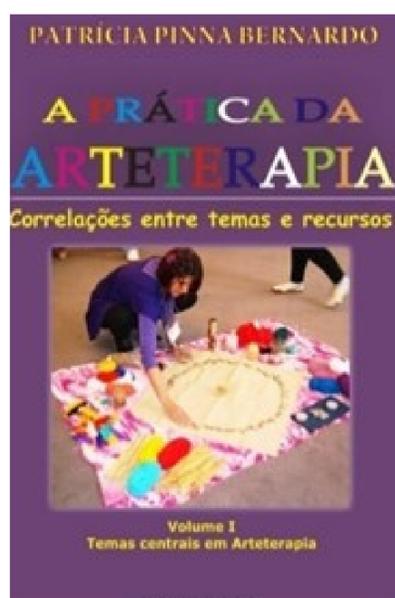
quatro elementos e a função do ritual; o terceiro livro fala da mitologia africana, dos orixás e do conceito de axé, a energia divina, trazendo a valorização e o respeito à diversidade; o quarto livro aborda as questões do amor, da sexualidade e faz algumas aproximações mitológicas entre mitos do oriente e do ocidente, trazendo uma variedade incrível de mitologias; o quinto livro é sobre a alquimia nos contos e nos mitos, abordando a criatividade, a transformação pessoal e a individuação; o sexto e último livro fala so-

BIBLIOTECA DE THOTH



bre a mitologia criativa e traz os quatro caminhos possíveis para criarmos a nossa própria história, com a criatividade de poder transformar a nossa existência.

Essa coleção traz de uma forma completa mitos de várias partes do mundo ligados à transformação pessoal, portanto, caso se interesse pela coleção ou por algum dos livros, basta contatar a Patrícia Pinna!





BANDA: NEW DEMOCRACY

POR LUIS RIBEIRO – HELL YEAH!

A mitologia egípcia sob a ótica contemporânea da música da New Democracy

Não é de hoje que a cultura e a mitologia da antiga civilização egípcia despertam a curiosidade e o interesse de fãs e músicos de Heavy Metal. Exemplos não faltam, e talvez o maior deles venha daquela que é uma das maiores bandas do gênero na história, o Iron Maiden, com o clássico “Powerslave”, lançado em 1984. De lá pra cá, uma infinidade de bandas explorou o tema em composições e até mesmo em álbuns inteiros, dos quais vale citar alguns mais famosos como algumas das composições do álbum “V: The New Mythology Suite”, dos americanos do Symphony X, a canção “Egypt (The Chains Are On)”, de Ronnie James Dio, presente no álbum “The Last In Line”, lançado antes mesmo do já citado “Powerslave”, também em 1984, e a obra da banda americana de Death Metal, Nile, que faz referência a cultura e a mitologia egípcia em muitas de suas composições.

Com uma sonoridade muito mais próxima a desta última, do que das



bandas citadas anteriormente, os mineiros da New Democracy, lançaram em Agosto de 2022 o seu segundo álbum de estúdio, “The Plague”, um disco conceitual que tem sua história cunhada nos recônditos mais sombrios da antiga civilização egípcia, criando uma sonoridade carregada da agressividade e da letalidade do Death Metal, somadas ao feeling e a grandiosidade das melodias e arranjos do Heavy e do Melodic Metal, que somados, criam um ambiente perfeito para contar uma história que utilizaremos de plano de fundo para mergulharmos na mitologia egípcia.



A New Democracy foi formada em 2012, na cidade de Varginha, Minas Gerais, e conta em sua atual formação com o vocalista e guitarrista Rafael Lourenço, o guitarrista Mozart Santos, o baixista Wellington Rodrigues, que também faz os vocais de apoio, o tecladista Vinícius Borges e o baterista Alexandre Madeira.

Sua discografia compreende dois EPs, "A New Conception For You To Meet" (2014) e "Disgrace To The Family" (2017), gravados de maneira independente, e o álbum "Death Possession", de 2019, que foi acompanhado pelo Lyric Video de "Brutal Disgrace" e pelo videoclipe de "Killing In The Name Of God".

O título da introdução do álbum não poderia ter um desígnio mais acertado. "Gate To The Past" nos conduz de maneira sutil e enigmática para uma viagem misteriosa e sombria através do passado, como um portão que se abre rumo ao desconhecido, tendo apenas a música da New Democracy como guia, que funciona como uma chama em meio a uma escuridão palpável de sussurros e segredos a serem explorados. O con-

vite a imergir no álbum é irrecusável.

"The Plague", a faixa responsável por carregar o título do disco, vai se desvendando gradativamente, construindo um clima de tensão de um inimigo invisível e iminente à espreita, que se revela como uma praga mortal, ao som de uma banda avassaladora, onde arranjos grandiosos se fundem ao peso e a contemporaneidade do Metal resultam em uma faixa de abertura epopeica, elevando as expectativas e nos colocando de imediato diante do trabalho que melhor define o passado, o presente e o futuro da New Democracy. Sabemos logo na primeira música que estamos ouvindo o melhor trabalho da banda e que o que ouviremos aqui colocará a banda em outro patamar artístico e profissional.

Sobre a letra da música, somos introduzidos ao personagem principal da trama, que por sua vez representa a humanidade, e que após um lapso temporal se encontra perdido e quer encontrar seu caminho de volta pra casa, mas vê o mundo caindo por terra. Profecias antigas já haviam documentado o que ele estava presenciando. Um barulho ensurdecedor de milhares de vespas ecoando por todo o deserto. Ele tentou olhar

VITROLA DE ORFEU



em direção ao foco, mas uma forte luz obstruiu sua visão. Ele segue rumo ao chamado e depois de um longo tempo de caminhada, avista seu vilarejo com seus habitantes todos mortos por ordem de um ser que discorda de toda sua vivência. O exército da morte havia chegado e acabado com a vida de todos aqueles que estiveram ao seu lado. Em sua mente ele deduziu que a praga era exatamente aquilo o que ele era, um ser falho, que onde passa deixa sua mancha.

Nos escritos judaico-cristãos, as pragas do Egito foram uma sucessão de calamidades que, mais especificamente de acordo com o livro bíblico do Êxodo, o Deus de Israel impôs ao Egito para persuadir o faraó a libertar os hebreus, em situação de escravidão. O faraó admitiu as condições de libertação de Deus somente após a décima praga, provocando o êxodo do povo hebreu, que rumou à terra de Canaã pelo deserto.

Os estudiosos acreditam amplamente que o êxodo não é um relato histórico, portanto inverídico. As muitas tentativas de encontrar explicações naturais para as pragas foram reprovadas pelos estudiosos bíblicos com base em que seu padrão, tempo,

rápida sucessão e, acima de tudo, o controle por Moisés as tornam sobrenaturais, e assim, por falta de explicações, esses eventos se tornaram mitos que povoam o imaginário popular e que se tornaram fontes de inspiração para inúmeros filmes, livros e outras peças artísticas, como no caso da música da New Democracy.

"Worlds have fallen beneath my feet; That's beyond beliefs; Death has come and no one's safe" - The Plague, New Democracy.

"Creation of My Sin" já havia sido lançada anteriormente como single e carrega ainda mais elementos da cultura egípcia em sua composição, com uma cítara acompanhando os riffs apoteóticos de Rafael e Mozart, a cozinha intrincada e precisa de Wellington e Alexandre, acobertados pelos arranjos sempre grandiosos de Vinícius. É difícil situar o leitor apenas com palavras, mas como essa música já está disponível antes mesmo do álbum, te convidamos a ouvi-la e compartilhar dos sentimentos que os vários climas e camadas da composição transmitem, transitando naturalmente entre o peso do metal

VITROLA DE ORFEU



extremo e a sensibilidade de arranjos muito bem pensados e cheios de propósito, culminando em um solo belíssimo, que te deixa completamente absorto e atônito. "Creation of My Sin" já nasceu um clássico da New Democracy.

Nesta música, o personagem principal, apesar de sempre ser um devoto a suas crenças e muito ligado às antigas escrituras, percebeu que em certos momentos ele devia sim, pecar. Ele precisou entrar em extrema fúria para perceber que uma vida não se carrega apenas com a bondade, mas sim com o equilíbrio do que é bom e do que é ruim. Assim ele se sentiu sendo interligado a seu próprio pecado, que o fez pensar coisas e criar forças para levá-lo para longe daquele momento catastrófico.

Sobre o conceito de pecado, e do bem e do mal, um ritual muito conhecido na mitologia egípcia é o da pesagem das almas, ou psicostasia, que consiste na cerimônia de pesagem do coração de uma pessoa que morreu no tribunal da deusa Maat, a deusa da verdade, da justiça, da retidão e da ordem, sob a supervisão de Osíris, onde seria definido o acesso daquela alma a uma vida no além de acordo

com suas práticas em vida. Nesta cerimônia, o defunto deveria fazer uma confissão através da qual comprovaria que não havia praticado homicídio, adultério, maltratado animais, roubado, entre outras afirmações, num total de quarenta e duas declarações de inocência enquanto seu coração era colocado num dos pratos e uma pena de avestruz colocada no outro prato da balança. Se os dois pratos se equilibrassem, o defunto estava absolvido, porém, em caso de ter mentido, o coração tornava-se pesado e seria condenado. Os deuses Anúbis e Tot também estavam presentes na sala. Anúbis regulava a balança, enquanto Tot escrevia o resultado. Perto da balança encontrase um monstro híbrido, parte crocodilo, parte pantera, parte hipopótamo, conhecido como Ammit, pronto para engolir o coração do defunto caso este tivesse um peso excessivo. Uma vez aniquilado o coração não existiria a possibilidade de ressurreição.

"Your choices take you to the different ways; No one can stop you when you find the strength; Cause it will keep your balance, you will not decay" - Creation of My Sin, New Democracy.

VITROLA DE ORFEU



A sequência com "Morning Star" inicia com passagens orquestradas em um trabalho fantástico do tecladista Vinícius Borges que, acompanhado da interpretação soturna de Rafael Lourenço, criam um clima absolutamente cinematográfico, que logo se funde ao peso estonteante do Death Metal da banda, soando como um despertar vertiginoso e atordoante. Neste ponto do álbum faz-se importante destacar um fator que será cada vez mais notável no decorrer das músicas seguintes: A New Democracy é uma banda que tem suas origens e sua identidade baseadas no Death Metal Melódico, mas isso de forma alguma prende os músicos às amarras de um rótulo, se permitindo utilizar de todos os elementos artísticos que forem necessários para transmitir sua mensagem e expressar sua obra da maneira mais verdadeira e poderosa possível, algo muito similar ao que o Sepultura vem fazendo em seus álbuns mais recentes, especialmente no "Quadra".

"Morning Star" está ligada ao símbolo Escaravelho, que por sua vez é a representação do Deus Sol. O escaravelho está associado à ressurreição, à renovação e à sabedoria divina. Por conta de seus significados ancestrais,

o escaravelho é um símbolo espiritual que representa o despertar, a expansão e os novos caminhos. A música traz a ideia de um despertar diário, onde a cada dia seja uma nova chance de evoluir e buscar mais conhecimentos. Mesmo após tantos anos de humanidade, temos nos agarrado em coisas supérfluas e nos esquecemos do quanto é precioso estarmos conectados com nosso eu interior para que possamos aproveitar de maneira sábia esta curta viagem que conhecemos como vida.

Na mitologia egípcia, o escaravelho sagrado estava associado ao deus Khepri, responsável pelo movimento do sol, conduzindo-o pelo horizonte. No crepúsculo, o sol morria, e ia para o outro mundo e posteriormente o escaravelho renova o sol ao novo amanhecer. Khepri é representado pela figura de um escaravelho, ou por um homem com cabeça de escaravelho. Da mesma forma, os escaravelhos-do-estercos, ao fazerem bolas de excrementos de que se alimentam e onde depositam os seus ovos que darão origem a larvas que também aí se alimentarão e desenvolverão, eram vistos como um símbolo terreno do ciclo solar. Tornaram-se, assim, símbolos iconográficos e ideológicos in-

VITROLA DE ORFEU



corporados na sociedade do Antigo Egito.

"I will wake up for a new sunrise; As the fields are hit by rays of light; Everyday I am reborn in me; My soul is mine and I will set it free" - Morning Star, New Democracy.

"Dust" é a balada do disco e conta com a participação especialíssima do vocalista Raphael Dantas, da banda de Modern Power Metal, Ego Absence, dando uma perspectiva completamente nova para a música da New Democracy, e somando ainda mais a grandiosidade e liberdade artística da banda. Toda sua construção se dá a partir das linhas melódicas da belíssima voz de Raphael sobre uma base dramática e tocante criada com violão, baixo, piano e percussão. "Dust" destoa completamente do restante da obra e nisso reside uma de suas maiores virtudes.

Neste ponto da história, o protagonista encontra-se perdido, abandonado, e com dificuldades em encontrar motivação para seguir em frente. Tudo o que ele encontra para se agarrar, acaba virando poeira. Ele tem a convicção de que tudo o que está

acontecendo são consequências de seus feitos mal pensados e não se orgulha disso, mas ainda sim tenta se arrastar perante todas as dificuldades que enfrenta, mesmo sabendo que seu destino é o sofrimento que já vem se arrastando desde a chegada das pragas.

"Feeling the heat on my skin, burning my soul; Hearing the wind as it sings my requiem; Feeling the need to be free, I believe I will be; I don't belong to the dust" - Dust, New Democracy.

Em "Blood on Nile", por sua vez, vale destacar a riqueza da interpretação vocal de Rafael Lourenço que, guardadas as devidas proporções, criam os climas teatrais que as músicas demandam, dignas de King Diamond, ainda que com uma proposta completamente diferente. Lourenço vai do vocal rasgado, ao limpo e ao gutural com uma facilidade assustadora, dando vida aos personagens do nosso imaginário, enquanto vamos compreendendo a proposta e o propósito de cada passagem em cada canção. Existem, é claro, destaques individuais para todos os músicos em vários momentos de todo o álbum,

VITROLA DE ORFEU



mas o coletivo se sobressai sempre, consolidando o entrosamento da formação atual da banda e a maturidade de sua obra, como podemos observar nas dobras de guitarras, nas camadas de teclado e na cozinha absurdamente técnica e elaborada, todos se complementando e dividindo protagonismo de uma forma muito verdadeira e inteligente.

Nesta canção, o personagem passa a ter alucinações causadas pela longa viagem pelo deserto. Ele começa a discutir consigo mesmo e a se cobrar onde uma parte do seu "eu" quer desistir de tudo e a outra quer impedir isto. Caminhando mais um pouco, ele avista um rio e corre desesperado para se hidratar, lavar seu rosto e tentar tomar o controle de si mesmo, mas quando ele encosta os dedos sobre a água, se depara com uma grande quantidade de sangue e é aí que ele pensa estar morto e acha que não tem mais perdão pelos seus erros.

Voltando a falar sobre as pragas do Egito, já citadas anteriormente, uma referência direta desta canção remete a uma das pragas, onde durante sete dias o Rio Nilo e seus afluentes, assim como as fontes e poços, transformaram-se em sangue, fazen-

do com que os peixes e outros animais morressem.

Não são poucas as referências ao Rio Nilo na mitologia egípcia, mas provavelmente a principal referência se faça diretamente na figura da divindade Hapi, que significa "Fonte do Nilo", e que personificava as águas do rio Nilo durante a inundação anual a que o Antigo Egito estava sujeito entre os meses de Julho e Outubro. Era por vezes representado de forma duplicada no símbolo do sema-taui como um homem com ventre proeminente e com seios, que veste a cinta dos pescadores e barqueiros, onde surge a atar as duas plantas heráldicas do Alto e Baixo Egito, o lótus e o papiro. Sua pele era azul ou verde, duas cores associadas entre os antigos egípcios à fertilidade. Era também costumeiramente representado derramando água de jarros ou a levar mesas e bandejas com alimentos.

"On this river I wash my hands; I can see through the sky, but still don't understand; My soul is dark, too dark to be safe; I can't go back, this is my end" - Blood on Nile, New Democracy.

As passagens mais cadenciadas ao

VITROLA DE ORFEU



final de "Blood on Nile" fazem a ponte perfeita para "Final Touch", que começa com um riff que vai quase no Doom Metal buscar suas referências, reforçando a ideia de que o mais importante para a banda é o produto final da sua música e não os preceitos do gênero musical onde ela está inserida. Novamente, os arranjos dão ares épicos a canção, mas seu direcionamento muda repentinamente - o tempo todo, por sinal - indo da fúria devastadora do Death Metal ao senso melódico e virtuoso do Metal Progressivo, remetendo ao que o Torture Squad fez no clássico "Hellbound". A cadência da canção é carregada de um sofrimento quase tangível e de um clima que a todo momento nos faz sentir próximos de um fim iminente. Nesta canção a banda conta com a participação especial do tecladista Leo Godde, que também participa da faixa "Black Blood".

No longo processo de tentativa de retomar sua sanidade, o personagem decide tomar as rédeas da situação e se dispõe em por um ponto final neste sofrimento. Uma vez não encontrado as respostas para suas dúvidas, ele resolve assumir a culpa de seus feitos, pois sabia que seu fim

estava próximo e nada mudaria este fato.

"Now I know what I have to do; 'cause my judgment is coming soon; Always lived a fucking lie; Now there's no time left to cry" - Final Touch, New Democracy.

"The Way We Die" é uma verdadeira aula de riffs (E que música desse álbum não é?!) e dialoga com o Brutal Death Metal e com o Black Metal Sinfônico, mostrando toda a versatilidade dos músicos, mas também a regularidade das composições, que não baixam o nível em nenhum momento do álbum. Sua atmosfera cria uma sensação de desespero, fortalecida por poderosos blast-beats de Alexandre Madeira e pela interpretação magnífica de Guilherme de Siervi, que empresta sua voz poderosa ao refrão desta canção, tornando-a ainda mais marcante e envolvente.

Após a longa e esgotante caminhada o personagem sente a morte se aproximando e a desistência se alimentando de sua esperança. Não há mais volta e todos os seres divinos que foram prometidos para ele algum dia, não dão sinal e nem interferem

VITROLA DE ORFEU



no desfecho de seu triste fim. Ele sente sua alma e seu corpo deixarem de ser uma só coisa, sente que toda essa caminhada não valeu de nada, pois a maneira de que se morre é triste e solitária, pois ninguém encontra a respostas de questões profundas sobre os segredos da vida e disso, tomou consciência de que sua divindade é em vida, pois cada um é seu próprio Deus, cada um é um ser divino que tem total acesso ao seu subconsciente, mas que um passo em falso o faz ser engolido por seu orgulho e assim, abandonando seu alter ego.

No que se refere ao ciclo da morte, os antigos egípcios conceberam uma explicação bastante diferente de quase todas as outras culturas. Para eles, a morte consistia em um processo onde a alma se desprendia do corpo. Com isso, acreditavam que a morte seria um estágio de mudança para outra existência. Sendo o corpo compreendido como a morada da alma, havia uma grande preocupação em conservar o corpo dos que faleciam. Dessa forma, desenvolveram-se variadas técnicas de mumificação capazes de preservar um cadáver durante anos a fio.

"Everything I have done; Is coming back to my mind; No one is around me; There are no gods by my side; In here there's no forgiveness; In here there's not one holy soul; Time to pray is over 'cause we are just passing through", The Way We Die - New Democracy.

O álbum encerra com "Black Blood", com alguns dos riffs mais empolgantes do álbum, ainda que envoltos por uma aura mística e misteriosa. Novamente, é impressionante como a banda consegue flertar com outros gêneros dentro do Metal mantendo sua identidade intacta, uma virtude da qual poucos artistas dispõe.

Essa música, trata-se de uma "Mensagem do Submundo", onde resume a história do protagonista, que já se encontra morto desde a vinda das pragas. É uma mensagem que tem como objetivo mostrar nossa semelhança como um todo, mostra que ninguém é "mais divino" do que o outro. É a mensagem desesperada de um ser que se arrepende de tudo o que ele fez que afetou seus próximos de maneira negativa. Ele procura por redenção e deixa seu aviso para que outros não cometam o mesmo erro.

VITROLA DE ORFEU



“I don't wanna be a new Messiah; I just wanna make the difference; If you wanna do fucking nothing; You better don't scream for clemence” - Black Blood, New Democracy.



REFERÊNCIAS:

BULFINCH, THOMAS. O LIVRO DA MITOLOGIA. SÃO PAULO: EDITORA MARTIN CLARET, 2006.

BLANC, CLAUDIO. O GRANDE LIVRO DA MITOLOGIA EGÍPCIA. SÃO PAULO: CAMELOT EDITORA, 2021.

LOURENÇO, RAFAEL; SANTOS, MOZART; RODRIGUES, WELLINGTON; BORGES, VINICIUS; MADEIRA, ALEXANDRE; THE PLAGUE. NEW DEMOCRACY, 2022. INDEPENDENTE. CD. FAIXAS 1 A 9.

VOCÊ PODE SABER MAIS SOBRE A NEW DEMOCRACY ATRAVÉS DE SUAS REDES SOCIAIS:

@NEWDEMOCRACYOFFICIAL NO INSTAGRAM E FACEBOOK.

OUÇA O ÁLBUM **“THE PLAGUE”** EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS.

SPOTIFY: [HTTPS://OPEN.SPOTIFY.COM/ALBUM/6KG4K0A3ONERUCED0C8EWH?
SI=G6WPF8DNTXGYWYQFLWT5AW](https://open.spotify.com/album/6KG4K0A3ONERUCED0C8EWH?SI=G6WPF8DNTXGYWYQFLWT5AW)

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O Motucu

CONTADOR: Luiz Júnior

Região do país: Amazônia Brasileira

Origem: Indígena

Associado ao Curupira, o Motucu ou Motocu – também conhecido como “demônio dos pés virados” - é uma entidade do folclore dos índios Manaós – que originaram o nome da cidade de Manaus. Porém, diferente do Curupira, o Motucu apenas causa destruição pelas trilhas por onde caminha com seus pés voltados para trás.

Causa incêndios por onde passa – causados por seu corpo em chamas -, e deixa um rastro de destruição e medo.

Muito comum nas populações às margens do Rio Negro, no Amazonas, e nos povos das florestas, esse mito relata um ser bípede, com os calcanhares voltados para frente – o que faz com que as pessoas se percam na mata ao tentar seguir seus rastros para sair da densa floresta. Tem o corpo todo peludo, e solta chamas por todos os poros.

Mestres da queimada, atuam somen-

te em determinadas épocas do ano – os meses mais secos – e queimam a mata para atormentar, com seu fogo, as pessoas que se perdem na floresta, com o único intuito de causar medo e pavor.

Para Saber Mais:

<https://portal-dos-mitos.blogspot.com/2022/02/motucu.html>

<http://www.terrabrasileira.com.br/folclore2/h16-omitos.html>

<https://www.grimoriotropical.com.br/post/motucu-d-d-5%C2%AA-ed-besti%C3%A1rio-tropical-pag-085>

Alves, Januária C. Abecedário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Sesc/FTD, 2017.

**LIVRO NOVO LANÇADO! É SÓ
ESPIAR NA ACADEMIA DE QUÍRON
DESTA EDIÇÃO...**

APROVEITEM OS CONTOS DA
COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS
HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK
NA WWW.AMAZON.COM.BR.



SÉRIE: Stranger Things

AUTORES: Matt Duffer, Ross Duffer, Jessie Nickson-Lopez, Justin Doble, Kate Trefry, Paul Dichter

POR LUCIANA LIMA

Quem topa uma “campanha”?

Essa é para quem ficou na grade esperando o show do Eddie no mundo invertido e derrubou a plataforma da Netflix na madrugada do dia primeiro de julho. Contra todas as teorias e expectativas, Munson tocou “Master of Puppets”, do Metallica (1986), sobre seu trailer no mundo invertido. A música viralizou e está entre as 50 mais tocadas. Não poderia ser diferente, além do impacto da série é uma música de letra forte, que fala sobre o controle exercido pelas drogas na mente. Para aqueles que nunca tinham escutado Metallica antes, lhes digo: a banda não foi inventada para a série. Os caras estão por aí há um bom tempo (a banda de Heavy Metal foi formada em 1981), inclusive os seus integrantes gravaram um vídeo vestidos com a camiseta do Clube Hellfire. E vos digo com as palavras de Eddie: “Isso é Música!”.



Mas, após o show, lágrimas rolaram, pois, mais uma vez, mesmo com os fãs implorando e com esperanças entre a Parte 1 e 2, os irmãos Duffer tiraram de circulação outro personagem secundário que estava sendo adorado pelos fãs. Pois Joseph Quinn ganhou o carinho dos fãs, estando inclusive aqui no Brasil recentemente. Mas, será que foi isso mesmo que aconteceu? Será que passar por dois dias sem contar o que foi feito do corpo, como foi o retorno para Hawkins, não é uma grande jogada de marketing? Pois sim, a Marvel me ensinou a ter essa pulga atrás da orelha, sempre.



Será que Eddie Munson, com suas feridas parecidas com as do Steve, no final não quis ficar no mundo invertido, pois, ao voltar, seria preso, ou ele foi enterrado lá e irá surgir como Kas, o cavaleiro amaldiçoado por Vecna e se tornará um aliado imortal, um “vampiro” de Vecna. Temos aqui dois grandes momentos importantes da cultura dos anos 1980: os vampiros e a noite dos mortos vivos, que renderam grandes clássicos de terror. Assim, Eddie sendo Kas, e seguindo a história no RPG, trairá Vecna e irá matá-lo com uma estaca, se tornando herói e limpando seu nome na cidade.

Será que tudo será tão simples? Temos que pensar também na visão que Vecna deu a Nancy durante o transe “(...) uma criatura gigante com a boca aberta.” Somando isso ao desenho do Will, podemos estar prestes a ver a temida Tiamat, sim, uma Deusa-Dragoa de cinco cabeças que é capaz de criar portais. Seu nome deriva de uma deusa da antiga mitologia mesopotâmica. Ela é a rainha dos dragões, aparecendo também como alvo da fúria do Vingador em Caverna do Dragão.

Mas seria Vecna tão tolo em deixar seu corpo exposto enquanto estava em transe? Ou seria ele um Lich - um ser de magia necromante, que para estender sua vida cria objetos para guardar partes de sua alma, como, por exemplo, o anel de Sauron em O Senhor dos Anéis ou as horcruxes de Voldemort em Harry Potter? Seriam estes os “objetos” de Vecna: o Will e o relógio de pêndulo? Seria a psicóloga da escola uma cultuadora de Vecna (talvez tenha entrado para o culto após estudar o caso do Creel) por carregar a chave do relógio no pescoço?

Como podemos observar ao longo das quatro temporadas de Stranger Things, os nomes dos personagens e definições de vários locais vêm do jogo de RPG que eles estão jogando. Estariam todas as repostas nos livros de D&D?

Não jogo RPG (ainda, rs), mas lembro de estar sempre cercada pelo tema, na infância, pelo desenho Caverna do Dragão, com seus 27 episódios em três temporadas, que sempre parecia prometer deixar os protagonistas voltarem ao parque de diversões, mas que nunca teve seu



último episódio, abrindo brechas para as mais vastas teorias; na adolescência, quando colegas carregavam fichas na escola de um lado para o outro, ou em programas de televisão, como a série *The Big Bang Theory*, que em vários momentos trazem seus personagens em campanhas. Até mesmo há alguns anos, quando muitos como eu acharam que um filme perfeito de *Caverna do Dragão* estava sendo produzido, mas era apenas um comercial (seria tão lindo). Mas parece que foi *Stranger Things* que realmente conseguiu fazer com que muitas pessoas que antes não tinham muita curiosidade sobre o jogo começassem a minar o assunto na internet, para aprender, tirar dúvidas e inclusive começar a jogar.

Pegando o embalo da nostalgia, foi anunciado na Comic-Con de San Diego que em março de 2023 teremos *Dungeons e Dragons: Honra Entre rebeldes*, que já possui trailer dublado na internet e promete uma trilha sonora repleta de rock. Durante o evento foram reveladas duas imagens (apenas para quem estava lá) nas quais apareciam os personagens de *Caverna do Dragão*,

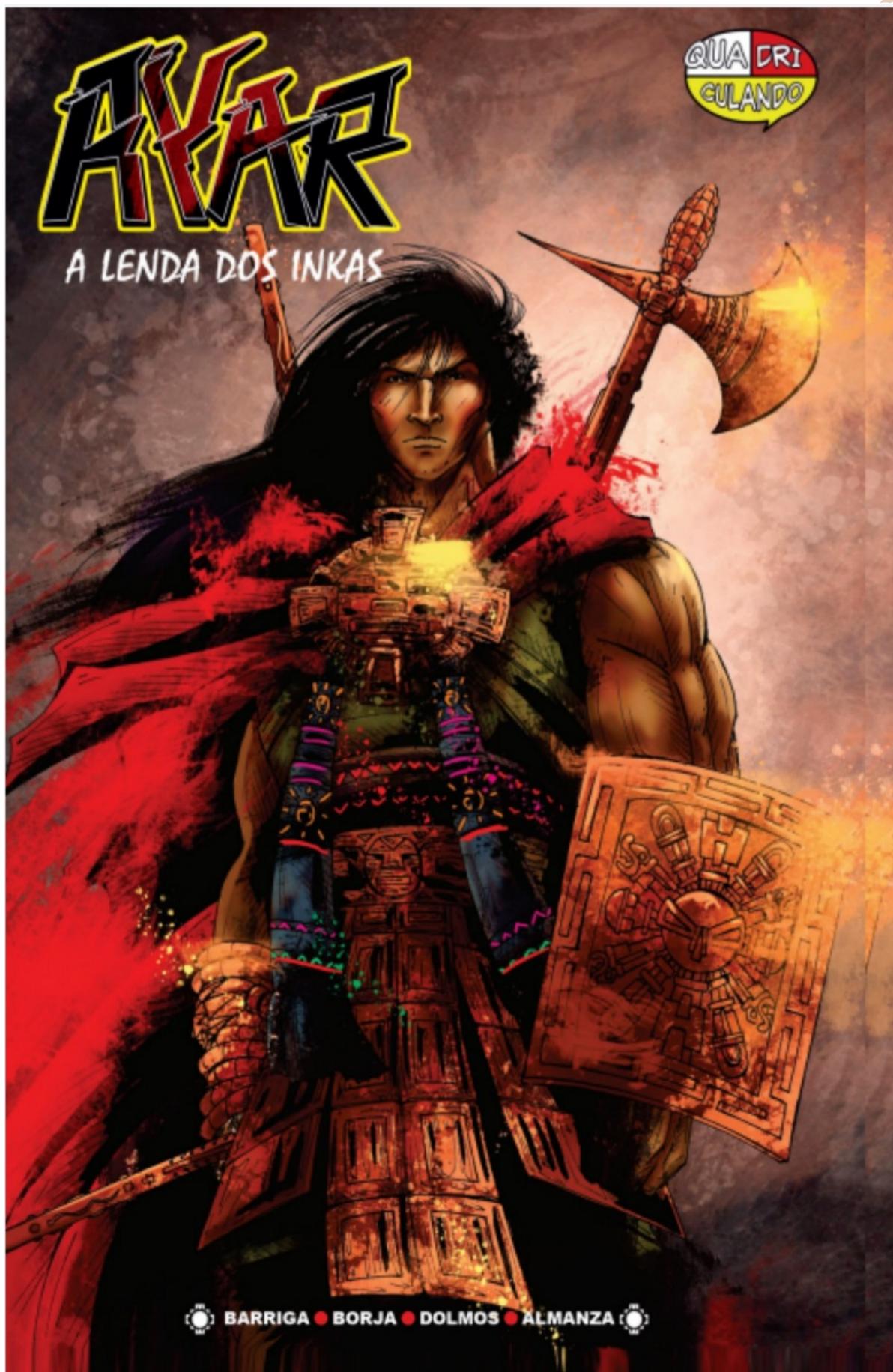
mas eles não serão os protagonistas da história, fazendo parte apenas dos easter eggs do filme.

Para aqueles que já estão sofrendo de abstinência, fica a dica: o mundo do D&D é vasto e fantástico, a quinta temporada ainda está longe, um salto temporal foi prometido para ajustar a idade dos personagens aos atores, o que pode incluir muitas outras referências dos anos 1980. Então dá tempo de se jogar nesse universo e bolar muitas outras teorias.

LUCIANA MANDU DE LIMA

NASCIDA NA DÉCADA DE 80. APESAR DE MUITAS DIFICULDADES, OS ANOS 80 E 90 FORAM FANTÁSTICOS. FORMADA EM MATEMÁTICA, ARTES VISUAIS, PEDAGOGIA E SOCIOLOGIA. TECNÓLOGA LOGÍSTICA. ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E LOGÍSTICA SUPPLY CHAIN. LECIONA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE SP.

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



MAMA HUACO
E AYAR AUCA

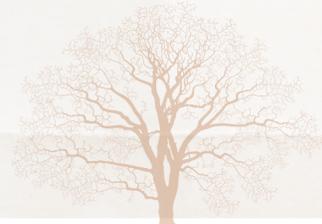
AYAR MANCO
E MAMA OCLLO

AYAR UCHU E
MAMA RAHUA

AYAR ACHI
E MAMA CORA

OS FILHOS DO SOL CHEGARAM E COM ELES O FUTURO DO IMPÉRIO INCAICO... A LENDA COMEÇOU

A NONA ÁRVORE



AYAR CACHI: O VAZIO DA EXISTÊNCIA E A PUTREFAÇÃO DOS SEUS CORPOS CAIRÃO ATÉ O UKJUPACHA, PORQUE OS FILHOS DE INTI TRAZEM A LUZ QUE SUAS VIDAS NECESSITAM...

LLULLACHAQUI: CALE-SE!

AYAR CACHI: TRISTE DESTINO DAQUELES QUE NÃO VEEM O CÉU. QUE PRESOS EM SUA OBSTINAÇÃO PADECERÃO TODA SUA DOR.

LLULLACHAQUI: CALE-SE! CALE-SE!



A NONA ÁRVORE



CHEIO DE IRA, AYAR UCHU SE LANÇOU SOBRE SEUS Oponentes QUE FICARAM ATÔNITOS COM SUA INCRÍVEL VELOCIDADE.



QUASE SEM ESFORÇO, AYAR CACHI DERROTAVA SEUS RIVAIS COM SUA FORÇA IMPRESSIONANTE.



POR SUA VEZ, AYAR MANCO PROTEGIA OS INDEFESOS.



E AYAR AUCA VOAVA PELOS CÉUS.



ENQUANTO MAMA RAHUA, MAMA CORA E MAMA OCLLO, LIDERADAS POR MAMA HUACO, DIZIMARAM AS SOMBRAS A GOLPES.

A NONA ÁRVORE



OS IRMÃOS AYAR VENCERAM SEM PROBLEMAS OS CHULLPAS, MAS LLULLACHAQUI AINDA TINHA FORÇAS.

TENHO QUE ESCAPAR!

PEGUE! VOCE!

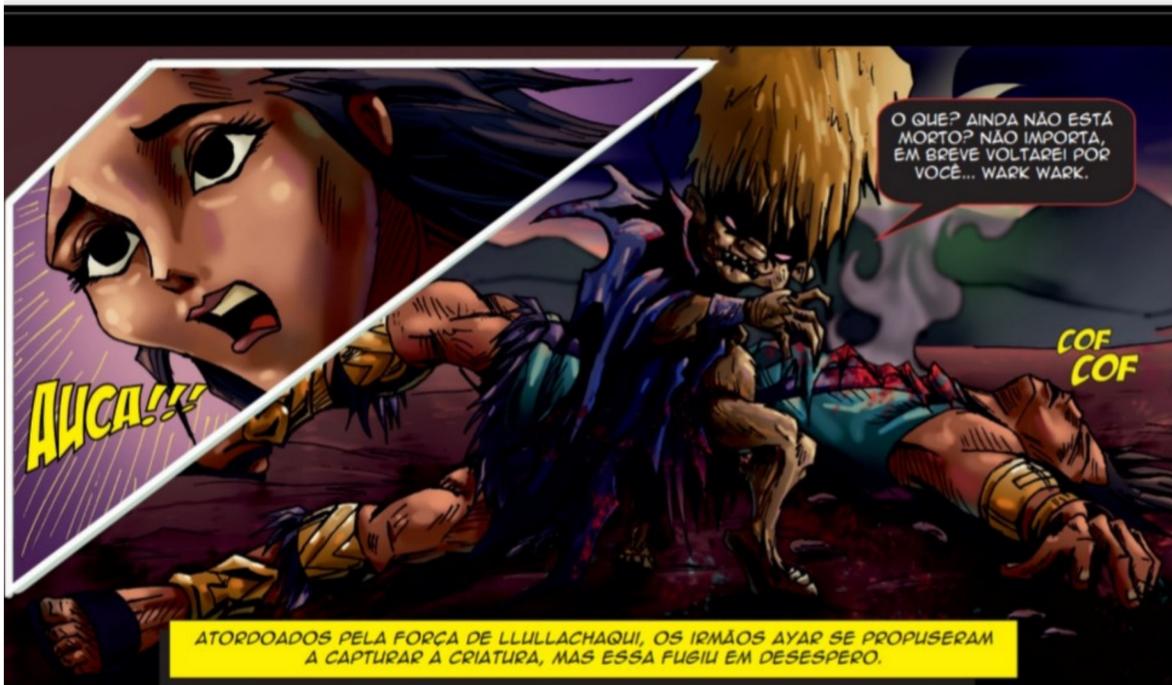
ESPERE AUCA! NÃO FAÇA ISSO...

SKRAKOMM!

AO VER LLULLACHAQUI NO AR, AYAR AUCA SE PRECIPITOU AO ATACAR, SE EXPONDO E RECEBENDO UM GOLPE CERTEIRO.

AAAAAHHH!

A NONA ÁRVORE



ATORDOADOS PELA FORÇA DE LLULLACHAQUI, OS IRMÃOS AYAR SE PROPUSERAM A CAPTURAR A CRIATURA, MAS ESSA FUGIU EM DESESPERO.



MAS, ATRAVÉS DOS OLHOS DE LLULLACHAQUI, O QANLA CONTEMPLA A CHEGADA DOS FILHOS DE INTI.



A NONA ÁRVORE



ÀS MARGENS DO LAGO TITICACA A BATALHA FOI INTENSA. PORÉM...

CROAK!

POOM!

CROAK!

GRR!

GRR!

AS FORÇAS DA ESCURIDÃO CONSEGUIRAM SE IMPOR FRENTE AO EXÉRCITO IMPERIAL DE KATARI.

SEU EXÉRCITO É PODEROSO, MAS CHEGOU A HORA DE EU E VOCÊ ACABARMOS COM ISSO.

NÃO O PROVOQUE

QANLA ME ENVIOU APENAS PARA DESTRUIR SUA HUACA E SEU PORTAL, MAS JÁ QUE VOCÊ INSISTE EM MORRER...

A NONA ÁRVORE



ENQUANTO ISSO, NAS PROFUNDIDADES DO LAGO TITICACA, NA HUACA WIRACOCCHA.

KATARI!
KATARI!...

SENHOR KATARI, O
EXÉRCITO IMPERIAL
AGUARDA NO PORTAL,
A ESPERA DE SUAS
ORDENS.

MUITO BEM,
VELHO AMIGO, EU
VOU EMERGIR; VOCÊ
PROTEJA COM SUA
VIDA O PUMA DE
PEDRA.

DEVEMOS SAUDAR
OS NOSSOS
OPONENTES...

KATARI SUBIU À SUPERFÍCIE PARA
ALCANÇAR SEU EXÉRCITO, E FAZER
FRENTE A CHULLACHAQUI, IRMÃO
GÊMEO DE LLULLACHAQUI.

COMO VAI, VELHA
KATARICHA? NEK NEK.

SEM SEUS
IRMÃOS VOCÊ
NÃO É NADA,
CHULLACHAQUI.
FIQUE LONGE
DESSA HUACA
SAGRADA.

NÃO PRECISO DOS MEUS IRMÃOS,
VOCÊ JÁ DEVERIA SABER QUE
ESTOU DO LADO DE QANLA:
ELE ME ENVIOU PARA DESTRUIR
A SUA HUACA E O PORTAL.

ESTÁ
CONFIANTE
DEMAIS.

ENTÃO, PREPARE-
SE PARA MORRER,
KATARICHA.

PRIMEIRO
VOCÊ TEM
QUE ME
VENCER.

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



...MOMENTOS DEPOIS, NO PORTAL DO SOL...



FINALMENTE CHULLACHAQUI CUMPRE COM AS ORDENS DE QANLA E DESTRÓI A HUACA.



AGORA QANLA NOS COMPENSARÁ. DESFRUTEM A VITÓRIA, AMIGOS CHULLPAS.



NO FUNDO DO LAGO TITICACA, KATARI AGONIZA ENTRE OS ESCOMBROS. MAS, DE REPENTE...



A NONA ÁRVORE



AYLLU DE PACARITAMBO. DIAS DEPOIS...

JAMAIS VI
ALGUÉM SE
RECUPERAR
ASSIM...

COMO
VOCÊ ESTÁ,
IRMÃO?

COMO O
CONDOR
DOMINANDO
O CÉU

ESPERE,
NÃO SE
LEVANTE.

NESTE RITMO
TERMINAREI LOGO
ESTE AYLLU

O SENHOR
AYAR
CACHI É
REALMENTE
FORTE.

AS SEMENTES
DE BATATA, MILHO
E KIWICHA SERÃO
ESSENCIAIS
PARA O NOSSO
POVO.

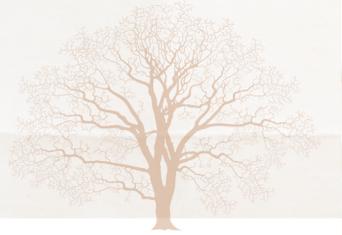
COMO ESTÁ
O FERIDO,
HEIN?

JAJAJA

TAMBO
DISSE QUE O
LLULLAPAGUI
ESCAPOU DE MEUS
MÚSCULOS.

ESSA COISA
QUASE TE
MATA, E AINDA
FAZ PIADAS
BOBAS.

A NONA ÁRVORE



EQUIPE TAWA



ENTREVISTA COM O ROTEIRISTA
OSCAR BARRIGA

A Revista Mitologia Aberta é uma verdadeira caçadora de HQs mitológicas e trouxe para a Nona Árvore desta edição a HQ Ayar – A lenda dos Inkas, feita por Oscar Barriga, Virgínia Borja, Kaimer Dolmos e Erly Almanza. O curioso desta HQ é que ela teve uma publicação brasileira pela editora Quadriculando, mas ela é originalmente peruana!

Em uma HQ emocionante, com uma jornada incrível de deuses da luz que lutam contra a escuridão, os autores trouxeram diversos elementos da mitologia dos incas de forma leve e fluída. Ao terminar de ler, descobri com alegria que esta é a apenas a parte 1, e fico feliz que mais venha por aí, pois a mitologia inca é riquíssima e sempre tem espaço para mais!

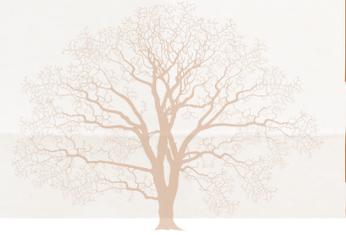
Em conversas com o roteirista Oscar Barriga, já percebemos que, além de ser um grande apaixonado pela mito-

logia, é um colecionador de histórias míticas! Existe alguma dificuldade em encontrar no Brasil bons materiais em português que abordem os chamados povos pré-colombianos (Astecas, Maias e Incas) e ter uma obra como Ayar nos aproxima desta incrível mitologia solar e cheia de aventuras e personagens impressionantes!

Em parceria com a editora **Quadriculando**, convidamos Oscar para nos ceder uma entrevista sobre Ayar. Vamos acompanhar essa conversa?



A NONA ÁRVORE



MA: Oscar, há quanto tempo você pesquisa a mitologia inca? Conte-nos um pouco sobre você.

Digamos que por curiosidade desde os 8 anos meu interesse pelos mitos e lendas do meu país cresceu, mas profissionalmente falando desde 2003 quando comecei a me envolver no desenvolvimento de conteúdo e que já fazia parte da minha vida em 2008 quando Juntei-me a Virginia Borja, Kaimer Dolmos e Erly Almanza para dar vida aos primeiros esboços do nosso trabalho Ayar.

Sou Contador Público com mestrado em empresas empreendedoras e inovadoras, mas como disse, desde os 8 anos fui cativado pela mitologia, isso levou a que desde jovem comecei a escrever, aliás o meu primeiro livro chamei o despertar que fiz nessa idade, mas a pressão social, por assim dizer, me fez não querer ser escritora como planejara quando criança, o que me levou ao campo da contabilidade, porém, isso não foi um impedimento para fazendo o que tanto amo, que é escrever sobre mitos e lendas ao contrário Me deu as ferramentas para criar uma empresa e ver meu dom e arte como uma engrenagem produtiva

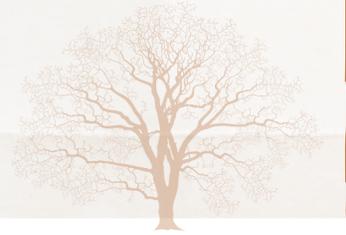
e cooperativa, hoje me dedico inteiramente à minha empresa Estudios Tawa , que além de fabricar produtos de sua autoria, também projeta para grandes empresas internacionais desde roteiros, ilustração, músicas, esculturas, entre outros serviços.



MA: Por que usar um quadrinho para falar sobre mitologia?

Quando eu era criança me contaram uma pequena história de 30 segundos sobre como quatro irmãos e suas esposas fundaram o império dos Incas essa história me surpreendeu e deu rédea solta à criatividade, comecei a procurar mitologia em livros me

A NONA ÁRVORE



encontrando com um universo pelo qual me apaixonei e continuo me apaixonando dia a dia, nessa época lembro que os cavaleiros do zodíaco ou saint seiya que falavam da mitologia grega estavam na moda, a partir desse momento entendi que nossa cultura tinha muito para oferecer ao mundo, mas para ser ainda mais sincero é minha esposa e na época minha amiga Virginia Borja que me disse para fazer o quadrinho da minha escrita e assim começamos a buscar aliados para esse projeto incrível com o objetivo de divulgar nacional identidade e destacando a imagem ancestral do Peru no mundo.

MA: Como surgiu a ideia de escrever HQ Ayar?

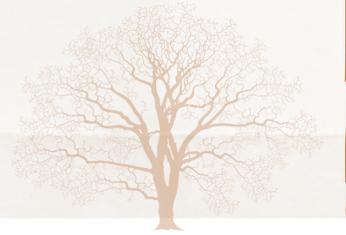
Tínhamos muitas informações que compilamos de livros espetaculares, informações da internet e algo mais incrível. A equipe de estudos Tawa viajou pela costa, montanhas e selvas em busca de mitos orais, tínhamos milhares de peças do quebra-cabeça, mas tudo girava em torno do primeiro mito que ouvi na escola, que é o mito mais representativo dos Andes "A lenda dos irmãos Ayar" é então para

este arco da trama decidimos adicionar mitos e lendas para torná-lo um item de colecionador incrível por inserindo personagens lendários de uma forma muito natural e orgânica.

MA: Fiquei fascinada ao saber que você colecionava histórias e algumas delas não estavam nos livros de mitologia (ainda). Isso traz uma riqueza sem precedentes para o local. Você poderia nos dizer quais dessas histórias que aparecem nos quadrinhos não estão nos livros?

Por exemplo, as primeiras cinco páginas onde falam sobre a criação da luz e das trevas, foi algo que nos cativou pela força do dito mito, eles nos contaram em língua quíchua, às vezes procura-se mitologia mas há momentos como este que a mitologia encontra você, talvez como romanticamente pensamos que existem mitos que não querem ser esquecidos e é que em cada cidade do nosso país há maravilhas para descobrir, foi um mito coletado no mais remoto de Cuzco e apesar do fato que contamos em apenas 5 páginas da história em quadrinhos, isso deu origem à produção de uma prequela chamada

A NONA ÁRVORE



"Ayar, a batalha de Hananpacha", baseada na primeira chegada dos deuses à terra.

MA: Eu sei que você é um grande fã de mitologia comparada e eu também. Percebi inúmeras analogias com mitologias egípcias, na personagem de Katari, por exemplo. Você pode trazer mais elementos que aparecem em Ayar que possamos comparar com outras mitologias?

Existe uma grande semelhança para citar alguns temos a lenda do amaru que é a união dos antigos reinos Ukjupacha representado pela cobra, o Kaypacha representado pelo Puma e o Hananpacha representado pelo condor a união desses três é um tipo de dragão muito parecido com os mitos de dragões que temos no resto do mundo.

A própria história da luz e das trevas parece uma alegoria aos temas bíblicos de Deus, Lúcifer e Jesus.

O tema de chullpas de pessoas sem alma vagando pelo mundo é interpretado em muitas culturas até hoje com temas de zumbis.

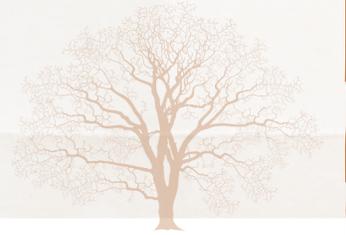
E a iconografia, por que não falar também se parece que em algum mo-

mento o mundo compartilhou a mesma história sem ir muito longe o sol para nós Inti também era cultuado pelos egípcios, gravuras sumérias que coincidem, assim como o grande dilúvio, o céu, o Olimpo Grego, o Nórdico Valhalla, o Asteca Mictlan, e o Inca Hananpacha como morada dos deuses, é algo que une as culturas do mundo, assim como seus conhecimentos da natureza e do universo.

MA: Achei curioso ter quatro casais principais na história. Quatro é um número que aparece em algumas mitologias, especialmente com divindades primordiais. Esse número tem algo a ver com a mitologia inca?

Então vamos lembrar que não são apenas quatro irmãos Ayar, nós também tivemos quatro deles criados pelo histórico Inca Pachacutec em Tawantinsuyo, as quatro irmãs elementais PACHAMAMA ou mãe terra, Cochamama mãe água, Mamanina mãe do fogo e Mamawayra mãe do ar, os quatro wallqas de poder que são armas que os deuses deixaram na terra para conter o mal, os quatro lados do chakana, a irmandade dos quatro raios que é

A NONA ÁRVORE



uma lenda muito mais antiga que o Inca, os quatro demônios do mal ou sacharunas, os quatro guardiões de puquios sagrados e por que não dizê-lo por algum motivo nossa empresa começou com quatro sócios é por isso que somos chamados de Tawa que é quatro em quíchua.

MA: Conte-nos um pouco mais sobre os portais que aparecem nos quadrinhos. Eles realmente existem na mitologia?

Na mitologia e também na história, existem os portais de Tampusoto em Pacaritambo Cusco é um deles, pumapumku em Juliaca são os mais representativos e têm sido objeto de pesquisas para grandes produções, mas também temos portais como a pedra branca em Caylloma, as cavernas de tayos que alguns acreditam ser um portal para o mundo de Ukjupacha ou o submundo, notamos que em muitos mitos de nosso país há um grande número de portais para o Ukjupacha ou submundo mas apenas 2 que nos conectam ao Hananpacha ou o mundo dos deuses como dizendo que é mais fácil buscar a escuridão do que a luz.

MA: Eu adoraria que você nos falasse um pouco sobre a segunda parte. Quem é a maravilhosa divindade feminina que aparece no final da história? Você pode nos falar sobre ela agora?

Na realidade, não é uma divindade que aparece no final, é Qawha do vigilante quíchua, ela é uma lendária guerreira descendente da cultura Chavín, sua lenda é muito particular, pois nos tempos antigos o machismo era normalizado, no entanto, ela conseguiu ser a primeira sacerdotisa a chegar a arma do Piscorunapumasim ou deus irado e, portanto, para liderar o povo Chavín sua história é tão impressionante que estamos recriando um spin-off só para esse personagem porque desafia preconceitos antigos e atuais, por outro lado, o fato de um mortal poder dominar o poder concedido por um deus é um complemento perfeito para o desenvolvimento dessa personagem que perdeu o pai desde muito jovem e sabia que sua sociedade não permitiria que ela fosse candidata a este cetro precioso que nada mais é do que a conhecida galeota monolítica que é apreciada nos museus.

A NONA ÁRVORE



PARA ADQUIRIR A HQ – EDITORA QUADRICULANDO:

INTAGRAM: @THIAGOMODENESI

[HTTPS://LINKTR.EE/THIAGOMODENESI](https://linktr.ee/thiagomodenesi)

[HTTPS://QUADRICULANDO.COM.BR/](https://quadriculando.com.br/)



ACADEMIA DE QUÍRON



**curso,
palestras,
eventos...**

SET_2022

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastría, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



SET 2022

LANÇAMENTO!!!

Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/dp/B0B9WJF9X9>



Luiz Junior



SET 2022



EcoArteterapia — Somos Natureza Vestida de Gente

Data: Chegada: entre 14h00 e 18h30 de sexta-feira

Saída: após o almoço de domingo

O que é: A partir da ótica da Psicologia Analítica, da Mitologia Criativa e da EcoArteterapia, nesse curso teórico-vivencial veremos como a natureza humana e planetária se espelham mutuamente. Segundo Jung, a natureza, por refletir tudo o que existe em nosso inconsciente, deve servir de guia para o processo de desenvolvimento de nossas sementes criativas, levando à expressão de nossa singularidade e expansão da nossa consciência, processo denominado por Jung de individuação. Os participantes realizarão atividades expressivas com recursos artísticos associados a elementos naturais coletados no meio ambiente, confeccionando trabalhos que os colocarão em contato com aspectos da “Floresta de Símbolos” que é o nosso inconsciente, num caminho de Ecologia profunda.

Psicologia Analítica e Ecologia Profunda

Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da Psicologia Analítica, considera que psique e mundo são aspectos indissociáveis, face e dorso de uma realidade una. Valorizando a necessidade e importância da integração entre o homem e a natureza, foi um precursor do pensamento ecológico – uma ecologia profunda, da alma, que compreende a Criação como uma teia que interliga todos os seres num mesmo tecido cósmico, multicolorido, que denominou de inconsciente coletivo. Para Jung, a



SET 2022

natureza, por refletir tudo o que existe em nosso inconsciente, deve servir de guia para o trabalho sobre nossas sementes criativas. Ele chamou esse processo de individuação, concebido como a “Grande Arte”, à exemplo da Alquimia e suas operações, entre elas as relacionadas aos 4 elementos: Terra, Água, Fogo e Ar, em sua correlação com forças psíquicas.

Para quem:

Qualquer pessoa interessada em conhecer e vivenciar a arteterapia.

Para que:

O trabalho com o tema da Ecologia profunda, através de recursos arteterapêuticos associados aos quatro elementos da natureza – Terra, Água, Fogo, Ar – enquanto representantes de forças psíquicas, proporciona a ampliação da consciência de si, do outro e do mundo, desenvolvendo a nossa capacidade de nos posicionar de maneira responsável, ética e criativa em todas as nossas relações. Do encontro e trabalho conjunto entre a consciência, com seus atributos e funções, e o inconsciente, como um reservatório de possibilidades ainda não atualizadas, nascem e concretizam-se novas configurações existenciais, emergindo daí os contornos de nossa mitologia pessoal, ancorada na ancestralidade de nossa psique.

Conteúdo programático:

- Meio Ambiente e psique: atitude simbólica e ecologia profunda
- Ecoarteterapia: Psicologia Analítica, Xamanismo e Arteterapia
- Símbolos da Natureza e mitos correspondentes
- Atividades expressivas relacionadas aos 4 elementos e desenvolvidas a partir de elementos naturais

Inscrições:

<https://nazareuniluz.org.br/ecoarteterapia-somos-natureza-vestida-de-gente/>

ACADEMIA DE QUÍRON



SET 2022

CIA CARNE AGONIZANTE
apresenta:

SÍSIFO

Corpo
incessante,
punição
eterna...

De 19/08 a 04/09
Sex. e Sáb. 21h
Dom. 19h

Ingressos: um quilo de
alimento não perecível
KASULO ESPAÇO DE ARTE

Idealização: Cia Carne Agonizante
Produção: FLORAL
Apoio: COOPERATIVA PAULISTA DE DANÇA
Realização: Fomento à Dança, São Paulo Capital da Cultura, CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA

Este projeto foi realizado com apoio do Programa de Fomento à Dança para a Cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura



SET 2022

@MITOSFERA

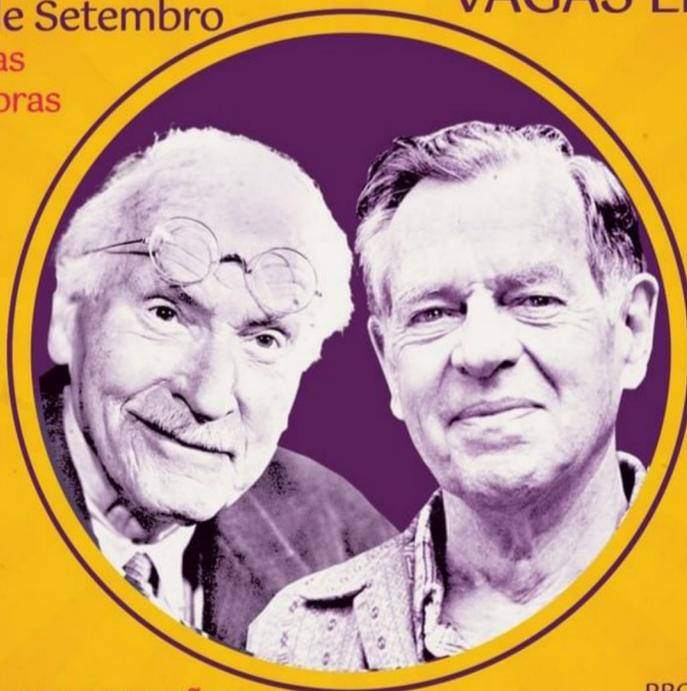
CURSO Mitologia Arquetípica

Um Diálogo Entre Campbell e Jung

Dias 30 de Agosto,
01, 06 e 08 de Setembro

Terças e Quintas
Das 19 às 22 Horas

VAGAS LIMITADAS



INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
PELO LINK NA BIO

ONLINE VIA ZOOM

DISPONIBILIZAÇÃO DAS AULAS GRAVADAS
ACESSO A BÔNUS EXCLUSIVO

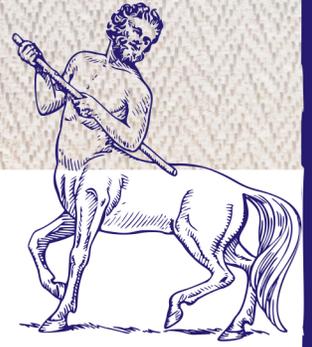
VALOR R\$220,00

em até 12x de R\$22,75 pela Sympla



PROFESSOR: Tiago alves

Líder da Joseph Campbell Foundation
Mythological RoundTable® Grupo de BH;
Co-Líder do Grupo de Pesquisa Mitologia
Comparada: Joseph Campbell da UFSJ;
Especialista em Terapias Corporais e
Artísticas em Psicologia Analítica;
e Coordenador da Mitosfera



SET 2022

Barraca do

MERCADO: VIKING
NA
Feira Cultural
Leste Européia
de SP

EVENTO

11 de setembro

ALHALLA

SOMERSBY APPLE

NEIL PRICE

VIKING

mjøðr

AQUAVIT Oseberg

The post is the



SET_OUT 2022

@MITO&MENTE

A classical painting depicting the goddess Athena on the left, wearing a crown and holding a shield, and the hero Achilles on the right, wearing a helmet and holding a sword. They are shown in a close, intimate pose.

CURSO ONLINE

Heroínas e Heróis

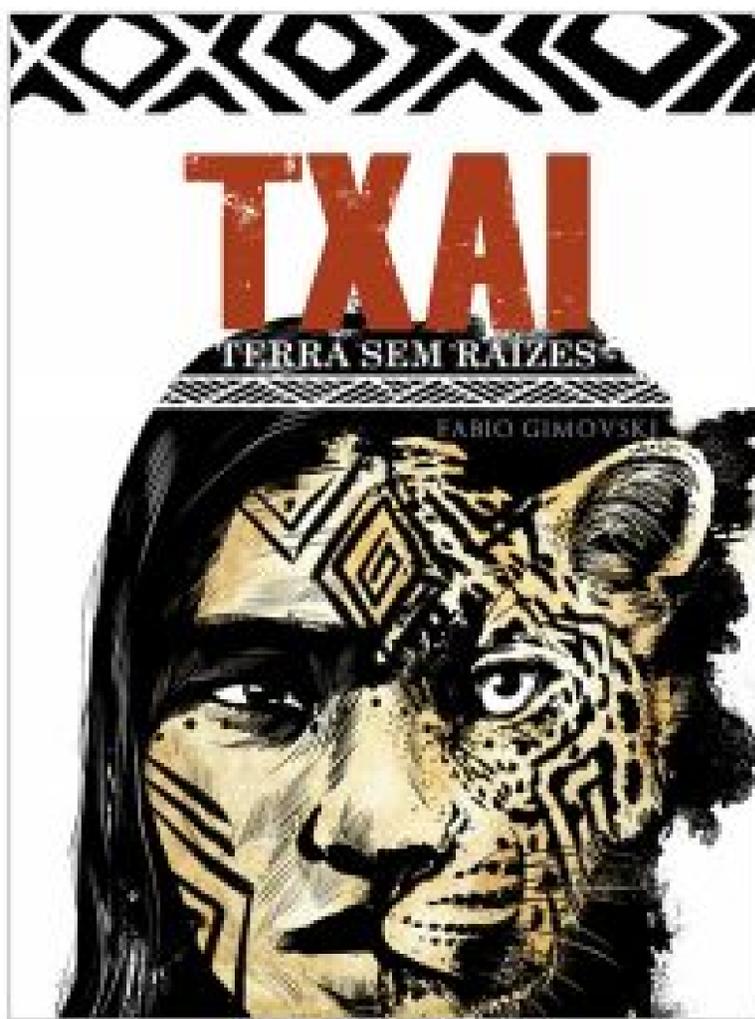
TODA TERÇA, 19h30 - ATÉ 25/10

MITO & MENTE

Inscrições abertas | R\$ 62,00



SET_OUT 2022



PROJETO NO CATARSE!

TXAI - TERRA SEM RAÍZES

Link: https://www.catarse.me/txai_terra_sem_raizes_9d05?ref=ctrse_explore_pgsearch

Apoios até dia 07/10/2022.

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método "Jornada Vocacional", um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Roteirista de Histórias em Quadrinhos e Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".



www.larissadiaspsi.com.br

larissa@larissadiaspsi.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO

Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fabia-carolina-lucas-3183011a2>



PANTEÃO DE COLABORADORES



MARCOS FERREIRA-SANTOS COLABORADOR DE ARTIGOS



Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador. semeador de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do “círculo de Erano” (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela “antropologia da pessoa” (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)

Youtube: [youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos](https://www.youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos)
www.marcosfe.net / E-Mail: marcosfe@usp.br

LIZANDRA SILVEIRA COLABORADORA DE ARTIGOS



Lizandra é brasileira, formada em História pela Universidade de Brasília, apaixonada por boas histórias, entre elas as das mitologias do mundo. Pós-graduada em Marketing e em História e Cultura no Brasil, é bancária e atualmente trabalha com a produção de material para redes sociais.

Email: lizandrasilveira@gmail.com [Medium.com/@lizandrasilveira](https://medium.com/@lizandrasilveira)

PANTEÃO DE COLABORADORES



LEONARDO TONDATO COLABORADOR DE ARTIGOS



Psicólogo (UNIP), historiador (UNICSUL), filósofo (UNICSUL), especialista em psicoterapia junguiana (UNIP), especialista em psicanálise dos contos de fada (FACUMINAS), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (FACULESTE), mestre em Gerontologia Social (PUC), doutorando em Ciência da Religião (PUC). Membro do corpo docente e de supervisores do Instituto Olhos da Alma Sã, membro efetivo da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), membro da Joseph Campbell Foundation e SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica), Diretor clínico e de pesquisa da ONG Or Avrohom. Embaixador do site Minuto Otaku.

Contatos: leo_tondato@live.com

Face: Leonardo Tondato

Insta: leo_tondato

Whatsapp (11)94645-5673

LUCIANA MANDU DE LIMA COLABORADORA DE OBRA CINEMATOGRÁFICA



Nascida em Guarulhos, criada na Zona Leste de São Paulo. Filha de mãe caipira e pai nordestino. Teve sua infância repleta de Folclore, contos e lendas urbanas. Frequentadora do Santo Daime. Formada em Matemática pela Unicastelo, Artes Visuais e Sociologia pela Unimes. Especialista em Educação Matemática pela Uninove. Tecnóloga Logística pela Fatec ZL. Leciona na Rede Estadual de Ensino.

e-mail: mandulogistica@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



FÁBIO GIMOVSKI COLABORADOR ARTÍSTICO



Quadrinista e editor, criador da Editora Urukum, Fabio Gimovski é autor de diversos livros, romances gráficos e literatura infanto-juvenil. Publicou os romances: "Imenso Mar", "O Vento e a Sacerdotisa", "Morianas", "Afetos Essenciais", "Pessoas Imperfeitas" e "Estrelas de Papel". Na linha infanto-juvenil, publicou: "A pele da Terra", "Cara roxa e Cara preta", "Um conto de chuva", "Vagalume", "Penélope", "Estrelas do ar", "Estrelas do mar", "Um conto de floresta", "A coisa mais velha" e "Lunara". Como quadrinista, publicou os romances gráficos: Samaúma, Ancestrais da Terra, Nos caminhos de Juramidã e seu mais recente lançamento, ainda em campanha no Catarse!, Txai - Terra sem Raízes. Fábio também publicou três oráculos: "Coração Xamânico", "Amanhecer" e "Mandalas Sutras".

Contatos:
editoraurukum.com.br
[@urukum editora](https://www.instagram.com/urukumeditora)

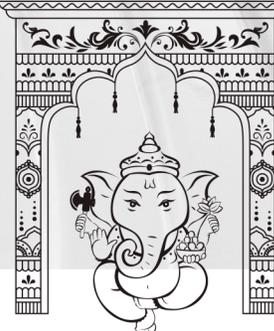
ITALO ZANATTA COLABORADOR ARTÍSTICO



Artista que desde pequeno sempre se interessou pelo mundo da arte, tendo como referências os filmes da Pixar, Disney e Scooby-Doo. No universo do desenho, procura trazer vida aos personagens que o inspirou. Cursa aulas de desenho e pintura, continuando como esse sonho de trazer essas imagens e ideias para quadros e telas.

Contatos:
E-mail: zanattaitalo80@gmail.com / Instagram: [@apowia_](https://www.instagram.com/apowia_)

PANTEÃO DE COLABORADORES



OSCAR ERNESTO BARRIGA BERNEDO

COLABORADOR ARTÍSTICO



Nasceu em Mollendo – Arequipa – Peru. Contador público, criador e diretor de sagas de ação e aventura baseadas na mitologia andina como Ayar - a lenda dos inkas, um item de colecionador que já conseguiu se internacionalizar, Pachacutec que muda o mundo, Nazca guerreiros do deserto que é uma graphic novel, vencedora do concurso de apoio a autores criativos na categoria jovem pelo ministério da Cultura, Condecorado pelo Congresso da República pelo impacto na promoção da identificação nacional dos nossos produtos em 2018 e também pelo município de Mollendo como cidadão ilustre 2019; colunista num jornal de circulação nacional na área do empreendedorismo ao abrigo o título Paradigmas; palestrante nacional e internacional idealizador das palestras e "Oficina aprende e empreende", integrante do círculo de excelência de Leader sem limites, autor de canções folclóricas e metal com temática andina, consultor de negócios 2021. Da mesma forma como gerente geral da empresa Tawa Producciones, que é produtora de vários produtos nacionais e internacionais, fomos premiados com o Serviço Peru Prêmio Summit 2014 na categoria inovação empresarial – PROMPERU. Empresa destaque da macro região sul 2015 pelo MINCETUR Decoração do congresso da república 2016 pela obra Mariano Melgar; Condecoração do PCC e do Governador de Nevada 2017 Por promover a identidade nacional e destacar a imagem ancestral do Peru no mundo. Prêmio Mollendo-Islay 2016 Pela dedicação e inspiração do quadrinho Ayar a lenda dos incas Finalista do concurso de inovação CCL – PRODUCE 2017, Concedido pela PROMPERU como exportador de serviços 2019, Concedido pelo congresso da república pelo trabalho AYAR LA LEGEND OF THE INKAS pela promoção da identidade nacional, bem como pelo Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe (SELA) como promotor da economia criativa em 2020, Vencedor dos projetos coletivos MINCUL Covid 2020, Vencedores do prêmio LANFIER 2021 para a carreira profissional, Vencedor dos incentivos econômicos à produção de 2021, embaixador cultural da Feira Virtual do Livro, Convidado de honra do fil de Guadalajara 2021 e da feira internacional de Bolonha 2022.

E-mail: oscarbabe13@gmail.com - linajedelsol@gmail.com



EDITORA QUADRICULANDO

EDITORA COLABORADORA DESTA EDIÇÃO

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduação em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

FAGNER GABRIEL COLABORADOR CINEMATOGRAFICO



Professor, possui Licenciatura plena em Educação Física, Divulgador Científico, colunista do site Cria do Rock, Graduando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, Curador e Idealizador do canal e Projeto Free Art, Especialista em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Cândido Mendes, aluno iniciante do idioma Japonês. Atuação como Tutor, orientador acadêmico, Revisor, transcritor de áudio através de textos. As suas pesquisas estão dentro do recorte da cultura pop e oriental, Animes, séries, perspectivas fílmicas e trazendo o legado da desocidentalização, desenvolvimento e rupturas para as suas aulas e produções, Antropologia Biológica, suas convergências com ciências exatas e humanas

Linktr.ee: <https://linktr.ee/producoesFagnerGabriel>
@producoesFagnerGabriel

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCD3rmUPYIvPscFAsi1iKsNw>

Instagram: <https://www.instagram.com/projeto.freeart/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Esta revista sempre me surpreende. Creio que posso fazer uns mil números e ela ainda estará cheia de surpresas. Houve tanta sincronicidade e alegria em cada página que eu nem consigo contar!

Para começar os agradecimentos, agradeço o desafio que o capista me fez ao me trazer um Hades brasileiro, que me fez recordar um ponto de vista sociológico que gosto muito para recontar um mito vinculado a nossa história. Um desafio sempre é emocionante e este foi muito bom! Agradeço ao professor Marcos, que trouxe a sua desconexão para as nossas páginas e tivemos a honra de publicá-la aqui. O professor sempre nos disse que este é um veículo diferente, no qual ele acreditava, e isso nos deixa muito orgulhosos. Agora, eu retribuo o meu orgulho de tê-lo novamente nestas páginas! Agradeço a sensível e única Lizandra, que nos presenteou com o primeiro artigo de mitologia egípcia da história da revista. Muito, muito obrigada! Agradeço ao Léo Tondato, que nos trouxe seus artigos falando sobre os Cavaleiros do Zodíaco de uma forma tão inteligente e instigante, que nos faz ver um outro lado dessa série que muitos de nós acompanhou.

Agradeço ao Luiz Júnior, por trazer outro personagem muito intrigante da cultura nacional para as Histórias da Vó Tiana. Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre e por encher de bandas mitológicas a nossa revista, além de ter escrito desta vez uma resenha de tirar o fôlego de qualquer um que ama mitologia egípcia! Agradeço ao parceiro Fagner, pelas inúmeras divulgações da nossa revista!

Agradeço à querida Gabi, por ter feito parte da nossa live de agosto, trazendo o conhecimento sobre as deusas e toda a sua magia de mulher guerreira, que usa os quatro elementos na vida, no mito e na arte! Agradeço a Carmelina por ter nos apresentado os desenhos do Ítalo, artista da contracapa e ao Ítalo por aceitar colaborar com a nossa revista, um grande artista que ainda vai dar o que falar do mundo da arte!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido colaborador de longa data Fábio Gimovski, por trazer uma capa tão envolvente e maravilhosa, capaz de encher os olhos de todos de magia e de encher a nossa cabeça de perguntas. Procurar as respostas é um caminho belo, que todo ser humano precisa fazer na vida. Agradeço poder ter escrito o primeiro artigo com trechos de seus dizeres sobre sua arte, tão magnífica quanto provocante, criada especialmente para a nossa revista.

Agradeço de forma mega especial ao querido Oscar, que ao trazer sua HQ Ayar para a nossa revista, acabou se tornando um grande amigo e também um futuro colaborador de artigos. Existe um movimento no universo que conecta as pessoas e quem trabalha com mitos sente isso muito na pele; e foi o que aconteceu com a Mitologia Aberta e com o incrível trabalho de valorização da cultura Inca feita por Oscar e toda equipe Tawa, para quem os agradecimentos se estendem. Também quero agradecer à Editora Quadriculando, que, generosamente, cedeu as páginas da revista Ayar para a nossa edição! Além disso, agradeço ao queridíssimo Dante Salgado, que nos ajudou com a tradução da entrevista com Oscar, pois a mesma foi feita em espanhol!

Agradeço à querida Luciana, que escreveu a segunda parte de mais uma resenha apaixonada sobre uma série que amo e que sei que muitos aqui também amam, além de sempre aceitar contribuir com a nossa parceria!

E claro, agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram. Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada! Agradeço à Alpha Centauri por cuidar do nosso site e por permitir que a Mitologia Aberta possa funcionar!

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico Original: Karem Dias e Larissa Dias

Atualizações do Projeto Gráfico: Jéssica Dias e Larissa Dias

Ilustração da Capa: "Deuses Viajantes", Fábio Gimovski

Ilustração da Contracapa: "Estamos a Sós", Italo Zanatta

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2022, Setembro, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Marcos Ferreira-Santos, Lizandra Silveira, Leonardo Tondato, Luciana Lima, Fábio Gimovski, Italo Zanatta, Editora Quadriculando, Oscar Barriga (Tawa), Fagner Gabriel, Dante Salgado, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Administração do Site: Apha Centauri



ARTE: ESTAMOS A SÓS...
ARTISTA: ITALO ZANATTA

IAZ